

Estimados leitores e estimadas leitoras, centrados em Cristo e iluminados pelo Espírito Santo, sejamos luz e alegria para o mundo, por nossas palavras, gestos, ações.

Nove textos à sua disposição para ler, rezar, meditar, partilhar, crescer na fé, iluminar o caminho para o Reino de Deus.

Em sua mensagem, o Papa Francisco lança uma série de perguntas aos Religiosos e às Religiosas em preparação ao Ano da Vida Consagrada. O tema central é a alegria. O Papa pergunta: “Mas onde está a alegria?”.

Na mensagem à CRB pelos 60 anos, Ir. Vilma Moreira diz que: “ao olhar o horizonte percebemos que a utopia está viva”. A utopia é o serviço ao Reino, em atitude de fidelidade criativa e dinâmica.

Baú da Memória faz homenagem a Rose Marie Muraro, falecida este ano, em 21 de junho, aos 83 anos. Resgatamos o texto “Mulher: seu papel na Igreja”, publicado na *Convergência* de agosto/setembro de 1967. A autora escreve que uma das mais importantes descobertas do século XX foi a integração de três libertações: libertação econômica e política dos povos subdesenvolvidos; a desmarginalização e o acesso das classes menos favorecidas em um nível de vida mais humano; e a libertação da mulher.

A seção Informes traz dois textos. O primeiro, com foco nos 60 anos da CRB, responde a uma pergunta importante: Por que a Conferência dos Religiosos do Brasil? No segundo texto, Ir. Edgard discorre sobre os aspectos saudáveis

da comunidade religiosa à luz de Betânia. A Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR) escolheu Betânia como “ícone” inspirador para o triênio 2012-2015. Texto importante para a VRC, neste mês da Bíblia, estar em harmonia com a CLAR.

Pe. Plutarco brinda seus leitores com um texto bastante crítico e criativo sobre a relação da VRC com as mídias sociais. Com o texto “Mania de aparecer”, o autor convida a uma breve reflexão sobre este tema, um tema novo, delicado, complexo, meio indefinido, desafiador.

Três artigos enriquecem a seção Artigos. O primeiro artigo, de Johan Konings, “A Deus o que é de Deus”, é importante para setembro, mês da Bíblia. O autor nos conduz à profunda reflexão do que é realmente de Deus. Pergunta: Qual é o peso das coisas do mundo diante do horizonte último, que chamamos de Deus e que nós, seguidores de Jesus, vislumbramos na palavra e práxis de Jesus?

“Ecoespiritualidade: um caminho de integração”, da Ir. Helena Rech, conscientiza-nos de que somos *parte* do Planeta, do universo, uns dos outros, e que com todos os seres vivos formamos a grande *Comunidade de Vida*. A ecoespiritualidade é o saber e o sabor do coração. Para a autora, “a linha divisória entre meu mundo interior e o mundo exterior começa a diminuir à medida que nos aprofundamos na ecoespiritualidade, através do caminho da contemplação, reconhecendo-nos, enquanto sobreviventes, *húmus*”.

Ir. Annete Havenne encerra com brilho, oferecendo-nos o texto sobre a Intercongregacionalidade. Ela diz que intercongregacionalidade é uma comunidade em missão. O texto é fruto do Seminário da CRB Nacional sobre a Intercongregacionalidade.

IR. LAURO DAROS, MARISTA

- Queria dizer-vos uma palavra e a palavra é alegria. Onde estão os consagrados, os seminaristas, as religiosas e os religiosos, os jovens, há sempre alegria, há sempre júbilo. É a alegria do vigor, é a alegria de seguir Jesus; a alegria que nos dá o Espírito Santo, não a alegria do mundo. Há alegria! Mas onde está a alegria?
- Olha no fundo do teu coração, olha no íntimo de ti mesmo e interroga-te: tens um coração entorpecido pelas coisas? O teu coração conservou a inquietação da procura, ou permitiste que ele fosse sufocado pelos bens, que no fim o atrofiam? Deus espera por ti, procura-te: o que respondes? Apercebeste-te desta situação da tua alma, ou ainda dormes? Acreditas que Deus te espera, ou para ti esta verdade são somente “palavras”?
- Somos vítimas desta cultura do provisório. Gostaria que pensássemos nisto: como posso libertar-me – eu, homem ou mulher –, desta cultura do provisório?
- Esta é uma responsabilidade em primeiro lugar dos adultos, dos formandos. E de vós, formadores, que estais aqui: dar um exemplo de coerência aos mais jovens. Queremos jovens coerentes? Sejamos nós coerentes. Ao contrário, o Senhor nos dirá o que dizia dos fariseus ao povo de Deus: “Fazei o que dizem, mas não o que fazem!”. Coerência e autenticidade.
- Podemos perguntar-nos: vivo inquieto por Deus, para anunciá-lo, para dá-lo a conhecer? Ou, então, me deixo fascinar por aquela mundanidade espiritual que leva a

fazer tudo por amor-próprio? Nós, consagrados, pensamos nos interesses pessoais, no funcionamento das obras, no carreirismo. Mas podemos pensar em muitas coisas... Por assim dizer, “acomodei-me” na minha vida cristã, na minha vida sacerdotal, na minha vida religiosa e até na minha vida de comunidade; ou conservo a força da inquietação por Deus, pela sua palavra, que me leva a “sair” e ir rumo aos outros?

- Como vivemos a inquietação do amor? Cremos no amor a Deus e ao próximo, ou somos nominalistas a este propósito? Não de modo abstrato, não somente palavras, mas o irmão concreto que encontramos, o irmão que está ao nosso lado! Deixamo-nos inquietar pelas suas necessidades, ou permanecemos fechados em nós mesmos, nas nossas comunidades, que com frequência são para nós “comunidades-comodidades”?
- Este é um bom, um bom caminho para a santidade! Não falar mal dos outros. “Mas, padre, há problemas...” di-lo ao superior, à superiora, ao bispo, que pode remediar. Não o digas a quem nada pode fazer. Isso é importante: fraternidade! Mas diz-me, tu falarás mal da tua mãe, do teu pai, dos teus irmãos? Nunca. E por que o fazes na vida consagrada, no seminário, na vida presbiteral? Só isto: pensa, pensai... Fraternidade! Este amor fraterno.
- Aos pés da cruz, Maria é a mulher da dor e ao mesmo tempo da vigilante espera de um mistério, maior que a dor, que está para se cumprir. Tudo parece ter se acabado, poder-se-ia dizer que toda esperança apagou-se. Também ela, naquele momento, poderia ter exclamado, recordando as promessas da Anunciação: “Isto não é verdade! Fui enganada!”. Mas ela não o disse. No entanto, ela, bem-aventurada porque acreditou, dessa fé vê nascer um futuro novo e guarda com esperança o amanhã de Deus. Às vezes penso: nós sabemos esperar o amanhã de Deus? Ou queremos o hoje? O amanhã de Deus é para ele o amanhecer da Páscoa, daquele dia, do primeiro da semana. Fará bem a nós pensar, na contemplação, no abraço do filho com a mãe. A única lâmpada acesa no

sepulcro de Jesus é a esperança da mãe, que naquele momento é a esperança de toda a humanidade. Pergunto a mim e a vós: nos mosteiros esta lâmpada ainda está acesa? Nos mosteiros se espera o amanhã de Deus?

- A inquietação do amor impele sempre a ir ao encontro do outro, sem esperar que seja o outro a manifestar a sua necessidade. A inquietação do amor oferece-nos a dádiva da fecundidade pastoral, e nós devemos perguntar-nos, cada um de nós: como está a minha fecundidade espiritual, a minha fecundidade pastoral?
- Uma fé autêntica exige sempre um desejo profundo de mudar o mundo. Eis a pergunta que nos devemos fazer: temos também nós grandes visões e estímulos? O zelo devora-nos? Ou somos medíocres e satisfazemo-nos com nossas programações apostólicas de laboratórios?

Fonte: Ano da Vida Consagrada. *Alegrai-vos.*  
(Carta Circular aos Consagrados e às Consagradas.  
São Paulo: Paulinas, 2014, p. 46 a 50.)

## CRB: sessenta anos de história...

*“!Qué lindo es la gente que tiene memoria,  
seguro que tiene esperanza también!”*

do golpe militar. Juntos refletíamos, rezávamos e escrevíamos sobre os caminhos da Teologia da Vida Consagrada, sobretudo na conjuntura de nosso país. Juntos celebrávamos e ousávamos “sonhar em mutirão”. Assim, a partir do ministério teológico, nos comprometíamos com a tematização de novos caminhos e horizontes para a Vida Consagrada, à luz do Vaticano II e da Conferência de Medellín!

Recordo uma vez em que foi feito um questionamento ao nosso presidente, o Pe. Marcello Azevedo, SJ, desde a então “Sagrada” Congregação dos Religiosos, sobre o fato de a CRB ser uma só Conferência para toda a Vida Religiosa do Brasil, coisa quase impensável naqueles tempos. Queriam que tivéssemos duas, como na Europa e na maioria dos países da América Latina (naquele tempo ainda não se falava no Caribe...): duas sedes e duas presidências e diretorias, uma masculina e outra feminina. Isto possibilitaria, sobretudo, uma maior “proteção” à Vida Religiosa Feminina da parte da Congregação romana e das Conferências masculinas. Marcello levou a questão à reunião da equipe e nossa sugestão foi a seguinte: que se respondesse à Congregação dos Religiosos dizendo que estávamos dispostos a isto, se também em Roma houvesse duas Congregações, uma masculina, só de homens, e outra feminina, só de mulheres. É claro que então não se tocou mais no assunto! Até hoje a nossa Conferência é uma só, enquanto em alguns países ainda não se conseguiu ou nem se deseja unir as duas Conferências. Aqui podemos celebrar juntos 60 anos de uma caminhada conjunta de grande reciprocidade e comunhão!

Em 1974 fui convidada a participar da Equipe Teológica da CLAR, na que já estava Leonardo Boff. Éramos como que o elo entre a CRB e a CLAR. Foram anos de muito dinamismo, ajuda mútua, ensaios e busca de novos caminhos. Pudemos colaborar na preparação e realização da Conferência de Puebla (com sugestões, ajuda na elaboração de textos etc.), apesar do medo de muitos bispos à nossa Teologia da Libertação. Nós o fizemos, juntamente com outros teólogos, em profunda comunhão com nossa Igreja e com

como Aloísio Lorscheider, Paulo Evaristo Arns, Tomás Balduino, José Maria Pires e muitos mais do Brasil e de outros países do continente. Puebla trouxe um grande impulso à Vida Consagrada latino-americana, sobretudo na vivência da opção preferencial pelos pobres, da inserção nos meios populares, da leitura popular da Bíblia, da presença nas CEBs e nas várias Pastorais Sociais. À sua luz cresceu e se fortaleceu sempre mais nosso compromisso com as Igrejas locais e continental.

De 1974 até 1986, morei no interior de São Paulo, o que me possibilitou colaborar com a Regional da CRB de lá. Foram anos muito fecundos. Participei da Diretoria e de equipes assessoras. Meu maior compromisso – juntamente com um grupo muito animado de formadores e formadoras – foi com a Formação, sobretudo a inicial. Cada mês, durante um fim de semana, a CRB oferecia, no Juninter, várias possibilidades de cursinhos de Teologia, orientados por teólogos e teólogas. Chegamos a reunir mensalmente, na capital, mais de 300 junioristas. Semanalmente, dois grupos de noviços e noviças participavam do Novinter e, periodicamente, de cursinhos de aprofundamento. Creio que a partir destas e de outras realizações, que se repetiam em várias Regionais, aprendemos a conhecer e a valorizar muito mais os carismas congregacionais em sua diversidade e riqueza e começamos a descobrir a força da *intercongregacionalidade*, considerada hoje uma dimensão fundamental na missão da Vida Consagrada na Igreja e no Mundo.

Nessa época – um grupo ecumênico de mulheres teólogas e cientistas sociais – começamos a reunir-nos anualmente em Petrópolis, Belo Horizonte, Rio, Goiânia ou São Paulo. Aprendemos a sonhar juntas e a buscar novos caminhos de presença feminina em nossas Igrejas. Recordo minha alegria e emoção quando, num dos primeiros encontros em Petrópolis, na celebração de abertura presidida por uma pastora, encontrei, depois de vários anos sem nos ver, a Ir. Ana Roy, que então já vivia no sertão baiano. Ana tinha sido minha professora no ISPAC, quando regresssei ao Brasil. Ela foi sempre “*mon vieux tronc*”, meu querido “velho

tronco”, sempre acolhedor e amigo. Em plena ditadura militar, ela me ensinou – com sua palavra profética e coerência de vida entre os pobres – a fincar os pés na realidade brasileira e a realizar uma progressiva “mudança de lugar social e espiritual”.

De 1987 a 1995, morei na Bahia e estive sempre na diretoria da CRB Regional. Ana Roy continuou sendo nossa “matriarca” e uma das melhores ajudas na formação inicial e permanente, não só lá, mas em todo o Brasil. Foram anos muito fecundos e cheios de iniciativas e realizações. Uma delas foi o lançamento do programa de formação bíblica “Tua Palavra é vida”, assumido pela CRB Nacional com o aval da CNBB, como lembrou o Pe. Edênio na *Convergência* de março p.p. As assembleias anuais, abertas a toda a Vida Consagrada, chegaram a reunir mais de 800 religiosos e religiosas. Constituíram sempre um tempo forte de encontro, de animação, de celebração, de festa, de crescimento no entusiasmo vocacional e evangelizador de nossa Vida Consagrada.

Depois de seis anos no governo geral, em Roma, voltei ao Brasil e tive a oportunidade e a graça de viver por três anos na favela do Vidigal do Rio, com um grupo de nossas junioristas. Ajudei um pouco na CRB Regional. Posteriormente, como provincial, participei do conselho fiscal e da diretoria, em duas gestões da Diretoria Nacional. Vivi as esperanças e dificuldades do traslado da sede a Brasília e seu processo de progressivo fortalecimento na capital federal.

Agora, desde Belo Horizonte, continuo animando e assessorando a Congregações e grupos de religiosas e religiosos, em retiros e outras atividades no campo da espiritualidade. Com *os olhos e os ouvidos de um coração agradecido*, releio estes 60 anos de uma história bonita, da qual tive a graça de participar ativamente durante tantos anos.

Hoje, com e como o Papa Francisco, sonho com uma “Igreja em saída”, comprometida com uma “teologia do encontro interior e exterior”: uma Igreja próxima, simples e sem protagonismos, uma Igreja nazarena, lugar de encontro e de comunhão. Foi assim que viveu Jesus, o profeta

itinerante de Nazaré, da Galileia e Samaria de seu tempo, e que quer viver hoje nossa Igreja.

Sei que a Vida Consagrada tem uma missão inquestionável e intransferível nesta Igreja: a de ser uma presença de qualidade, simples, acolhedora, itinerante, sem grande brilho e protagonismo: a de uma Vida Consagrada nazarena, no estilo de Jesus e de Maria de Nazaré. Isto é dom, graça, compromisso e também o ideal e utopia que nos descortina o futuro.

Ao olhar o horizonte percebemos que a utopia está viva, lembrando-nos de que “tudo foi, é e será graça”. Ela nos ajuda a continuar caminhando na esperança, dando cada dia mais um passo como Vida Consagrada no Brasil: *o da construção coletiva de um sonho que vem sendo acalentado e vivido por tantas gerações de religiosas e religiosos, nestes 60 anos de fidelidade de nossa CRB Nacional!!!*

Queremos fazê-lo realidade, unidos e unidas às novas gerações que nos acompanham e que continuarão a viver conosco e muito mais além de nós – num “mutirão de esperança” – o sonho de nossos Fundadores e Fundadoras: o de uma Vida Consagrada sempre mais comprometida com o seguimento e pós-seguimento de Jesus. A Ele queremos responder hoje e sempre, *em atitude de fidelidade criativa e dinâmica*, com a graça do Deus Pai e Mãe, irmão e companheiro de caminhada, na força da Divina Ruah.

Vilma Moreira, FI  
Teóloga e assessora da Vida Religiosa.

O século vinte é o século das grandes libertações. Paulatinamente estamos assistindo à libertação econômica e política dos povos subdesenvolvidos, à desmarginalização e ao acesso das classes menos favorecidas a um nível de vida mais humano e à libertação da mulher. E, a nosso ver, uma das mais importantes descobertas deste século, tão importante como a da bomba atômica ou dos antibióticos, foi a inter-relação dessas três libertações,<sup>1</sup> que será bem ilustrado pelo seguinte exemplo:

Quando foi questão, nos países africanos, de se formarem quadros que estivessem aptos a assumir as lideranças por ocasião de sua independência política, começaram a educar-se as elites masculinas. Em curto prazo, o resultado foi brilhante: constituíram-se cidades, estradas, pontes, barragens... mas o grosso do povo permanecia imerso na ignorância. Começaram então a educar-se também, para o desenvolvimento, as elites femininas. E o que aconteceu foi surpreendente: embora em curto prazo o resultado tivesse sido menos brilhante, pouco a pouco os valores da civilização foram penetrando na massa, e por esta sendo assimilados, como uma espécie de “caráter adquirido”, semelhante aos caracteres biológicos. E isto de tal forma se repetiu que hoje é corrente a seguinte lei sociológica: *o desenvolvimento de um grupo ou povo está na razão direta do desenvolvimento de seu elemento feminino*. A mulher, com vocação diferente da do homem, mas tão essencial quanto a dele, projeta para as estruturas o seu papel de “guardiã da pessoa”, confiado pela

\* Artigo publicado na *Revista da Conferência dos Religiosos do Brasil*, em agosto-setembro de 1967. (Obs.: último ano do nome da Revista; em 1968 passaria a se chamar *Convergência*.)

1. O desenvolvimento deste assunto está contido no livro *A mulher na construção do mundo futuro* (4. ed. Vozes, 1967).



natureza ao mesmo tempo que esta lhe confiou a maternidade física.<sup>2</sup>

### *Por uma nova imagem da mulher*

Mas isto não quer dizer que a mulher apenas exerça papel na educação de crianças ou dos desprotegidos, como se dava na concepção clássica de sua função. Hoje, até as Nações Unidas criaram comissões de formação de elementos femininos para fazerem parte das equipes de planejamentos nacionais nos diversos países subdesenvolvidos. Mulheres economistas, sociólogas, engenheiras, arquitetas... todas projetando para suas profissões a sua maneira de ser feminina que permitirá um enfoque mais adequado dos problemas, a centralização da pessoa humana e não dos interesses pessoais ou de grupos na superação das condições humanas de vida.

Muito já se está fazendo neste sentido, e os resultados se estão fazendo sentir, de tal maneira que temos a esperança de, no futuro próximo, assistir a uma completa transformação da imagem tradicional da mulher (que, aliás, já se encontra, presentemente, em acelerada mutação) e à entrada em uma civilização – até hoje feita pelo homem e para o homem, pelos mais fortes para os mais fortes – dos valores da pessoa.

Nos vinte séculos de sua história, a Igreja seguiu passo a passo as transformações da humanidade, ora provocando-as, ora refletindo-as, fenômeno este último mais acentuado à medida que o mundo foi se secularizando. Neste século, em que está em acelerada agonia uma humanidade tradicional e em trabalho de parto uma civilização técnica, trazendo consigo maneiras de ser radicalmente diferentes de tudo o que até agora experimentou a humanidade, muitas convulsões estão se processando no seio da Igreja. Estas tensões nada mais são do que a transposição para a estrutura eclesial das tensões mais globais por que está passando o mundo.

2. Cf. livro citado, no que se refere ao problema das características específicas do ser feminino e sua fundamentação, cap. VII: À mulher, guardiã da pessoa.

### *Integrada na vida da Igreja*

Começa, portanto, a era das libertações na Igreja. Em primeiro lugar, a libertação do temporal: com João XXIII fechou-se o ciclo da cristandade, própria de uma sociedade aberta e pluralista, em que os valores da pessoa são os predominantes. Neste quadro também está se processando a promoção do leigo dentro da estrutura eclesial. Esta promoção é devida à mitigação do predomínio clerical e ao reconhecimento de um campo próprio e insubstituível da atuação leiga – as estruturas temporais –, o que está permitindo a aquisição, por parte da Igreja, de uma nova maturidade.

Neste esquema, a promoção da mulher vem se fazendo mais lentamente. Apesar de constituírem pelo menos a metade do Povo de Deus e a grande massa dos que praticam a religião,<sup>3</sup> elas ainda constituem uma maioria informada por uma minoria masculina e, o que é pior, de piedade misógina.<sup>4</sup> Prova disso é a constante marginalização das religiosas a quem são entregues apenas atividades consideradas secundárias. Elas constituem, verdadeiramente, uma “linha auxiliar”, mas, não, elementos integrados nas decisões e na vida da Igreja.

Creemos firmemente que, num mundo em que aceleradamente a mulher vai adquirindo a sua maturidade humana, pouco a pouco irá também, na Igreja, adquirindo o lugar que lhe compete, pois, como acontece na sociedade humana, a Igreja não atingirá todas as suas dimensões enquanto isto não acontecer. Casada ou solteira, como religiosa ou leiga, a mulher tem um papel insubstituível a fazer dentro da Igreja e, enquanto ela não tiver consciência disto e não procurar tornar-se apta para essa sua função, todo o Corpo Místico, todo o Povo de Deus se ressentirá.

### *No pensamento teológico e na pastoral*

A nosso ver – embora aqui não possamos indicar se não grosseiramente as suas linhas – esse papel consiste em

3. Em um inquérito realizado por volta de 1958, o CELAM apurou que a média de praticantes na América Latina como um todo é de 9,5 de mulheres para 3,5 de homens (Elementos para a sociologia do catolicismo americano, cap. I, CERIS n. 3, Vozes, 1966, livro que, aliás, rompe em estilhaços o mito da América Latina como continente católico, e cuja leitura insistentemente recomendamos).

4. Dicionário Aurélio: Misoginia – desprezo ou aversão às mulheres.

projetar o seu ser mais concreto, mais voltado para a pessoa humana do que o homem, em todos os planos da atividade eclesial. No plano do pensamento: contribuir para que o pensamento teológico se torne menos abstrato, mais acessível ao povo, o que implicaria completa reformulação e, talvez, a descoberta de perspectivas de trabalho inteiramente inesperadas.

No plano da ação pastoral: como ela está sendo realizada hoje, coloca a Igreja longe do povo. É demasiadamente abstrata, irrealista, esquemática. Uma ação adulta da mulher na pastoral colocá-la-ia muito mais adequadamente. Com uma intuição muito maior, a mulher saberia discernir as necessidades profundas do povo e a maneira de formulá-las em termos pastorais. Pista ainda muito primitiva, mas já uma pista, é o caso das freiras “vigárias” no Nordeste e que hoje se estendem por quase todas as regiões subdesenvolvidas do país. Um sem-número de soluções terá que ser achado, mas, sem dúvida, aos poucos essas soluções irão aparecendo.

ROSE MARIE MURARO  
Redatora-chefe da revista *Painel Brasileiro*.  
Coordenadora de duas coleções da Vozes:  
Questões Abertas e Nosso Tempo

## Por que a Conferência dos Religiosos do Brasil?

No livro *Memória Histórica*,<sup>1</sup> organizado pelo Pe. Edênio, nos 50 anos da CRB, pode-se ter clareza do objetivo da criação da CRB.

Na apresentação do livro, páginas 7 a 9, Irmã Máris Bolzan, SDS, presidente nacional da CRB, em 2004, expressa:

Com esse livro, a CRB convida os/as religiosos/as de todo o Brasil a tomarem consciência da bela e nem sempre fácil caminhada que juntos/as realizamos ao longo deste meio século de profundas e surpreendentes mudanças.

A CRB nasceu como resultado da I Congresso Nacional de Religiosos e Religiosas do Brasil, realizado no Rio, em fevereiro de 1954, no qual Provinciais femininas e masculinos de todo o Brasil estavam reunidas/os. Seguramente todos tinham consciência de que aquela data apontava para algo novo, mesmo que não vislumbrassem o desenrolar desta fecunda história. Sabiam que se inaugurava naquele dia um jeito diferente de se pensar e viver a consagração ao Reino.

Na introdução, p. 11, Pe. Edênio diz:

A CRB, além de um marco fundamental da história da VR no Brasil, significou para nossas Congregações e para a Igreja uma bênção de Deus. Se temos hoje o rosto que temos, nós o devemos, em larga medida, à Conferência que nos reuniu em uma só e grande família, com identidade e metas próprias, dentro da comunhão-missão que nos cabe na Igreja no Brasil.

1. *Memória histórica: as lições de uma caminhada de 50 anos da CRB – 1954 a 2004*. Organizador: Pe. Edênio Valle, SVD.



No capítulo 1, p. 15, Irmã Maria Carmelita de Freitas, FJ, escreve:

“A primeira metade do século XX marca um período de expansão da Vida Religiosa no país, seja com o crescimento e consolidação das Congregações internacionais já estabelecidas aqui, seja com o surgimento de Congregações autóctones, especialmente femininas, algumas delas com rápido processo de desenvolvimento.

Não se constata, porém, até essa época, nenhum sinal de um trabalho conjunto, ou de integração de forças dos Religiosos no campo pastoral, nem na formação. Sua atuação vincula-se muito mais à iniciativa isolada de cada Ordem ou Congregação do que a um concerto orgânico de esforço conjunto. São caminhadas paralelas e, outra vez, conflitantes. As Congregações sofriam de desconhecimento recíproco. É a fundação da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), em 1954, que vai mudar essa situação.

A *Revista da CRB*, fundada em 1º de julho de 1955, surgiu como instrumento para ajudar a CRB a consolidar seu objetivo, ou seja, a união da Vida Religiosa do Brasil. No primeiro editorial da Revista, expressa Dom Armando Lombardi, Núncio Apostólico do Brasil:

A revista quer ainda ser um meio eficaz de união entre as várias Ordens, Congregações e Institutos religiosos presentes neste imenso país: vive-se com os mesmos ideais, trabalha-se pela mesma causa, combate-se com as mesmas armas, e nos conhecemos tão pouco e, às vezes, nos amamos tão pouco!

### 1. Introdução

A Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR) escolheu Betânia como “ícone” inspirador para o triênio 2012–2015.

Betânia é uma realidade repetidas vezes presente nos Evangelhos. Nestes, relata-se o episódio da visita de Jesus à casa de Marta, a qual se ocupa com os afazeres domésticos, enquanto sua irmã, Maria, está atenta a escutar a Jesus, o que leva a um diálogo ilustrativo entre a dona da casa e o visitante (Lc 10,38–42). Depois, está o texto de João 11,1–44, sobre a ressurreição de Lázaro: a doença deste e o recado de Marta e Maria comunicando o fato a Jesus; a conversa deste com os discípulos sobre o ocorrido e a sua decisão de ir a Betânia; o diálogo de Jesus com Marta sobre a ressurreição dos mortos e o encontro de Maria com ele; a descrição da ressurreição do irmão de ambas. Finalmente, os textos sagrados apresentam o relato de Maria unguindo os pés do Mestre (Jo 12,1–11. Cf. Mt 26,6–13; Mc 14,3–9), a indignação que este gesto desperta e o comentário de Jesus a respeito dele.

Esses textos nos pintam um conjunto de cenas a serem contempladas e nos fazem ouvir uma série de palavras que nos convidam a meditar. Eles são altamente inspiradores para aprofundar e concretizar aspectos como: a presença ou a ausência de Jesus em nossas vidas; o processo transformador em que estas se devem constituir; o equilíbrio a que estamos convidados a viver entre a nossa ação e contemplação;

a atenção e solidariedade a ter com os mais pobres e necessitados; a promoção da vida, da nossa e dos outros; a comunidade e as relações fraternas.

## 2. A comunidade de Betânia...

Neste subsídio, vamos contemplar e meditar sobre este último aspecto; enfatizar alguns gestos realizados e palavras pronunciadas em Betânia que poderão ajudar a iluminar-nos e estimular-nos em nossa própria vivência comunitária.

Quem formava a comunidade de Betânia? Marta, Maria e Lázaro. E, muito conectado com ela, está Jesus. Não apenas os nomes são diferentes; cada um dos personagens tem suas características distintas.

Marta é a coordenadora da casa e quem recebe Jesus. Tanto em Lucas como em João, ela constitui, particularmente, a parte laboriosa e de ação. É a diaconisa que se faz entrega no serviço. Maria acolhe Jesus em sua mente e coração. Em Lucas, ela representa a parte mais especificamente espiritual, aquela que contempla e escuta. E, em João, ela vive o dom generoso e gratuito de quem derrama, sem reservas, a sua libra de perfume de nardo caro sobre os pés do mestre. Lázaro é aquele que está simplesmente presente. É a parte débil, que Jean Varnier imagina como deficiente, e que, por sua enfermidade, preocupa as suas irmãs e, por sua morte, enche de dor a elas e a Jesus.

Jesus não integra fisicamente essa comunidade. Mas ele é o modelo máximo do que devem ser as relações interpessoais numa comunidade. A sua capacidade relacional é evidente. Seus relacionamentos com as pessoas são amplos, diversos e enriquecedores.

O episódio da morte de Lázaro no-lo revela em sua capacidade de estabelecer amizades e em sua sensibilidade diante do que sucede com seus amigos. “Jesus amava Marta e sua irmã e Lázaro” (Jo 11,5). A mensagem das irmãs, enviada a Jesus, dizia simplesmente: “Teu amigo está doente”. Sem nada mais. E nem era preciso. Diante da morte do amigo e da dor daqueles que o choravam, também Jesus se comoveu

até as lágrimas (Jo 11,35), o que levou os judeus a dizerem: “Vede como ele o amava” (Jo 11,36). A ressurreição de Lázaro tem muito a ver com esse vínculo pessoal, fundamental no episódio.

Esse acontecimento fala, igualmente, da concretude da amizade de Jesus. Ele estava do outro lado do Jordão. Com o recado de Marta e Maria sobre a situação de Lázaro, não titubeou em ir de novo à Judeia, para junto dessas amigas (Jo 10,40; 11,15). E isso apesar das razões contrárias dos discípulos: “Querem te apedrejar”. “Se dorme, vai curar” (Jo 11,8.12).

Na comunidade de Betânia pode ser também destacado o requisito comunitário que é a franqueza. Marta não esconde seu desejo com relação a Maria, sentada aos pés do Senhor. Este não deixa de repreendê-la por seu ativismo dispersivo ante “uma só coisa necessária” a merecer a sua centralidade. E a afirmação das duas irmãs: “Se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11,21.32), além de ser manifestação da fé de ambas no poder de Jesus, também pode soar como expressão de desencanto, até de reclamação, como se Jesus tivesse vindo para cumprir a tradição judaica: a de visitar a casa do defunto em um dos sete dias seguintes ao seu falecimento.

Convém observar igualmente que Marta, para reclamar a ajuda de Maria, não se dirige diretamente a esta, mas a Jesus: “Não te importas...? Dize-lhe...”. Na raiz dessa liberdade que Marta se permite ao dirigir-se a Jesus, estaria o grau de familiaridade entre o mestre e os irmãos da vila Betânia? Ou estaria Marta constituindo a Jesus em presumível mediador entre as duas irmãs em colisão uma com a outra, colisão já precedida por presumíveis anteriores desencontros e intransigências?

## 3. ...e a nossa comunidade

A nossa comunidade religiosa atual é certo que apresenta características próprias, diferenciadas daquelas que identificaram a comunidade do passado. Na de hoje, há mais

horizontalidade; as suas estruturas são mais participativas; a sua liderança é mais colaborativa. Mas ela guarda elementos permanentes, que vêm acompanhando as comunidades em todos os tempos.

Falando objetivamente, a nossa comunidade, como a de outras épocas, não existe por autogênese. Ela não se edifica nem se solidifica sem um conjunto de exigências físicas, psíquicas e espirituais. Ela é construção e preservação de todos os dias. E se na comunidade de Betânia houve problemas presumíveis, a experiência ensina que a nossa não vive sem dificuldades reais.

Essa comunidade estamos todos interessados em vivê-la belamente. Que, para isso, nos ajude o exemplo dos irmãos de Betânia e, sobretudo, a inspiração daquele que é o Mestre deles e o Mestre definitivo nosso. E a esse exemplo e inspiração é oportuno que acrescentemos alguns requisitos exigidos para que exista a boa comunidade, e algumas práticas capazes de contribuir para a sua construção.

Para seguir o exemplo dos irmãos de Betânia nos cabe:

#### **Como Marta:**

- Cultivar e expressar a fé. Quanto à comunidade: que o modelo definitivo desta não seja a família humana, mas o Deus trino que é uno; que ela seja constituída por pessoas todas igualmente amadas, chamadas e enviadas; e que sua missão seja mostrar ao mundo que viver a fraternidade cristã, rogada por Jesus ao Pai, é uma possibilidade real.
- Fazer da comunidade casa de acolhida e hospitalidade, onde se sintam bem as pessoas que por ela transitam.
- Constituir a comunidade em lugar de prestação de serviços de cada um para o bem de todos, particularmente dos mais débeis. A pergunta (1 João 3,17) “se alguém possui bens deste mundo e, vendo seu irmão na necessidade, fecha-lhe o coração, como pode estar nele o amor de Deus?”, se aplica, com toda a justeza, à relação entre os irmãos e irmãs de comunidade.

#### **Como Maria:**

- Evoluir da mesquinhez à generosidade, e das atitudes e ações interesseiras à gratuidade.
- Quebrar o frasco egoísta que retém os nossos ricos dons pessoais e esparzir no ambiente comunitário o perfume da alegria e de um clima saudável.

#### **Como Lázaro:**

- Ser presença na comunidade. E mais: gostar de estar nela, comunicar as ausências a ela e levá-la na mente e no coração quando se está longe dela.

#### **Como os três irmãos:**

- Enriquecer a comunidade complementarmente, conforme as nossas habilidades forem mais do campo teórico ou prático, técnico ou humanístico, generalista ou detalhista, sistemático ou criativo, sério ou humorístico, harmonizador ou provocador, questionador ou estimulador.
- Entender a diversidade e as diferenças no ser, no pensar e no agir dos/as coirmãos/ãs como possibilidade de enriquecimento e caminho de clarificação.

#### **E como Jesus:**

- Fazer-se próximo, o que exige mover-se do lugar em que se está, deslocar-se, fundamentalmente passar do centro de si ao interesse pelo/a outro/a, pelo grupo.
- Cultivar o amor-palavra e o amor-gestos.

Quanto ao amor-palavra (de elogio, consolação, estímulo, partilha, correção fraterna), importante é cuidar do modo de falar. A aceitação do que se diz depende muito do modo de dizê-lo. Ao dirigir-se a alguém, o falar afirmativo e, sobretudo, o afirmar com julgamento ou de forma agressiva, é convite a ser respondido no mesmo nível. Não raro, uma boa pergunta é mais eficaz do que uma afirmação peremptória.

Para praticar o amor-gestos, pode-se aplicar, adaptada mas perfeitamente, à relação fraterna e sororal aquilo que dizem, respectivamente, Dom Bosco e La Salle ao falarem da relação educador-educando: “Não basta amar os jovens; é preciso que eles se sintam amados”. “Por zelo, procurem dar

“sinais sensíveis de que vocês amam aqueles que Deus lhes confiou.”

- Cultivar a sensibilidade. Em outros termos, ter compaixão, no sentido etimológico da palavra: sentir com (*cum patere*). Sentir e compartilhar com quem vive conosco as alegrias e tristezas que ele experimenta, as vitórias que alcança e as dificuldades que enfrenta.

Tudo o que aprendemos com os três irmãos de Betânia e com seu grande Amigo pode e deve, mesmo, ser ainda completado:

- Pela transparência, a franqueza, condição para que qualquer relação humana sadia se crie e não degenera e mesmo se interrompa.
- Pelo diálogo. Falar mais com o outro do que falar ao outro, como disse Paulo Freire. Saber escutar: certificar-se daquilo que o outro quis mesmo dizer. E saber expressar-se. O pior sempre é não falar. Desde que adequadamente. Fazendo fluir natural e francamente o que se pensa, incluindo perguntas a fazer, incômodos e dissonâncias a superar. E saber separar sempre a pessoa que fala daquilo que é falado.
- Pela humildade, tendo presente que as realidades, no geral, não se apresentam quimicamente puras. E desconfiando que, com frequência, a outra pessoa pode estar enxergando um ângulo dessa realidade que nós não percebemos. Graças a Deus!

E a tudo isso podem ser ainda acrescentadas algumas práticas que a experiência tem revelado úteis em vista do ambiente e da boa marcha da comunidade:

- Reservar, sistematicamente, tempo para encontros formais e informais.
- Estabelecer instâncias para aumentar o conhecimento recíproco dos membros da comunidade. E, quando o número dos seus integrantes e a distância o permitem, visitar os locais de origem e os familiares dos membros da comunidade. É algo iluminador e que pode ter bons reflexos posteriores.

- Abrir-se. Possibilitar que a fraternidade não apenas se expresse no interior da própria comunidade, mas também no relacionamento com outras comunidades e na colaboração intercongregacional.
- Realizar envio recíproco. A comunidade é para a missão para a qual cada Congregação nasceu e para a qual a Igreja a envia. Em nível local, cada religioso e religiosa realiza tal missão, não em nome pessoal, mas como representante da sua comunidade, a qual o/a envia, apoia e questiona, quando necessário. Ela o/a envia? Alguma comunidade o faz de forma explícita? Daí a sugestão: a comunidade fazer o ato de envio de seus membros à missão. Quando? Ao iniciar-se o ano. Como? Uma possibilidade é: 1. Cada integrante da comunidade fala sobre a missão (atividades...) que lhe cabe realizar durante o ano: Como quer desincumbir-se dela? Que desafios prevê? Como se sente diante dela? 2. A comunidade dialoga com ele: solicita-lhe detalhes ou esclarecimentos; pede-lhe formas de ela poder ajudá-lo. 3. A comunidade, usando uma fórmula preparada, o envia à missão e o abençoa para a sua realização.

Ir. Edgard Hengemüle, FSC  
 Coordenador da CRB Porto Alegre.  
 Irmão das Escolas Cristãs (Lassalistas).  
 ehengemule@lasalle.org  
 Fone: (51) 3474-1961 Rua São Luís, 489.  
 CEP: 93220-400 – Sapucaia do Sul – RS

**Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Quais os aspectos mais saudáveis da nossa comunidade?
2. Há na comunidade alguma doença, sonolência, anemia... a superar?
3. Das sugestões dadas neste texto, qual(is) mais nos convém adotar ou reforçar?
4. Pela nossa experiência, além dos enumerados, há outros fatores que contribuem para uma boa comunidade?

**1. Fatos e fotos, muitas fotos...**

É mais do que comum encontrarmos, em qualquer lugar, em qualquer cerimônia, por mais “solene” que seja, as pessoas, de repente, sacando do bolso (ou da bolsa) os seus celulares para tirar fotos. O próximo passo é teclar e publicar o material nas redes sociais. Também não é nada raro ver alguém pegando o aparelho e fotografando a si mesmo, ou alguma comida ou bebida que esteja consumindo. Parece que tudo na vida, o cotidiano mais banal desta vida, não só pode, mas deve ser publicado. Como se fora uma espécie de lei imposta pela sociedade na cabeça das pessoas, aceita-se tudo sem discutir. Todo mundo, e se possível o mundo todo, precisa ficar sabendo quem eu sou, o que fiz ou estou fazendo nas vinte e quatro horas, ainda que seja uma bobagem. Não se diferencia o que é importante e o que não é: basta publicar, espalhar a notícia, ainda que não seja notícia de fato.

O jornalista Marcelo Coelho, membro do conselho editorial da “Folha de São Paulo”, publicou interessante matéria no site do jornal ([folha.uol.com.br](http://folha.uol.com.br) de 05/03/2014), tecendo alguns comentários a respeito do tema. O autor utiliza a palavra “Selfies” como título do seu artigo. Esse é o termo da moda, que serve para nomear a mania que as pessoas têm, sobretudo os jovens, de tirar fotos de si mesmas e publicá-las o mais rápido possível nas redes sociais. E não apenas fotos de si mesmas como também de tudo o que estão fazendo durante o dia. A projeção de si mesmo é uma onda que

crece mais e mais em nossa sociedade, com razão chamada por alguns estudiosos de “sociedade do espetáculo”. Quem não aparece parece que não existe!

## 2. E nós com isso?

Trago este assunto para as páginas da *Convergência* porque não é novidade para ninguém que em todas as redes sociais é fácil encontrar diariamente Religiosos e Religiosas ávidos pela divulgação de seus feitos, alguns dos quais nem tão grandiosos ou bonitos assim. Chego a pensar que a missão apostólica, ou seja, o trabalho em favor do Reino esteja em segundo plano, porque o tempo desse pessoal é quase todo consumido em tirar fotos para postar no facebook e outras redes. Recuso-me a imaginar que até o tempo da oração e da convivência em comunidade, coisas tão necessárias para o crescimento da Vida Religiosa, esteja sendo sacrificado no altar dessa verdadeira fome de propaganda. Não, não quero dizer absolutamente que a VRC agora tenha que se esconder, mas tenho medo dessa exposição excessiva e quem sabe até compulsiva e doentia em alguns casos. Por outro lado, como jornalista, eu seria incoerente, diga-se de passagem, se achasse que a Vida Religiosa e a Igreja, de um modo geral, deveriam deixar de lado a oportunidade de explorar, no bom sentido, as potencialidades imensas que as novas tecnologias nos apresentam. Nos dias que correm (e como correm!), somos chamados a evangelizar também através das redes sociais, aproveitando o que elas oferecem de bom. Temos que evangelizar o mundo estando no mundo, ainda que a ele não pertençamos, é claro. E com certeza essas tecnologias têm muito a oferecer enquanto suporte instrumental de uma nova evangelização, uma evangelização mais atendida com o nosso tempo.

Por isso, sem querer polemizar nem decretar a palavra final sobre o assunto, desejo levantar algumas questões que me parecem importantes neste momento em que as tecnologias da comunicação avançam sobre o mundo e de todo jeito vão moldando (formatando, para usar um termo bem

atual) esse mesmo mundo e quem nele habita. Convido agora você, meu amigo minha irmã, que me acompanha através da *Convergência*, para uma breve reflexão sobre este tema, um tema novo, delicado, complexo, meio indefinido, desafiador como, aliás, tudo aquilo que se refere a essas realidades que temos diante dos olhos ultimamente.

## 3. A publicização de tudo

Marcelo Coelho dá, entre outros, o seguinte exemplo: um jovem pede uma cerveja num bar, mas antes de bebê-la pega o seu aparelho celular e tira uma foto para postá-la alguns minutos depois nas redes sociais. “Não digo que quem tira a foto da cerveja deixe de tomá-la logo depois. Mas intervêm aí um segundo aspecto desse ‘empobrecimento da experiência’. Tomar cerveja não é o bastante. Preciso tirar foto da cerveja. Por quê?”

O articulista sugere uma tese que, a meu ver, é bastante sugestiva enquanto pista de reflexão. Ele fala da necessidade que temos de fugir do privado e tornar visível ou “publicizar” o que somos, o que fazemos ou deixamos de fazer. É como se a propaganda, a divulgação ampla e irrestrita dos nossos atos, tornasse mais real a nossa realidade e nos desse mais certeza daquilo que somos de fato. Pior ainda: sem a propaganda temos a impressão de que nem existimos! Daí talvez surja essa busca desenfreada de postar e postar a cada minuto todos os fatos, inclusive os menores e até mesmo os ridículos do nosso dia a dia.

Talvez porque nada exista de verdade, no mundo contemporâneo, se não for na forma de anúncio, de publicidade. Não estou apenas contando aos meus seguidores do Facebook que às 18h42 de sábado estava num bar tomando umas. Estou dizendo isso a mim mesmo. Afinal, os meus seguidores do Facebook, sei disso, não estão assim tão interessados no fato.

Parece que hoje em dia já não nos contentamos com a realidade, especialmente se esta realidade não é das melhores. E, mesmo que seja boa, nunca estamos satisfeitos.



Postar uma foto na internet, no mundo virtual, para que todo mundo possa ver e tomar conhecimento, é como se de repente surgisse um novo real, um real mais “real”, o ideal. A cada dia que passa consolida-se na sociedade a convicção de que o mundo “real” só é de fato REAL se existe “para fora”, publicizado. Vivemos e nos movemos entre o que somos e o que achamos que somos, ou desejaríamos ser. A realidade tal e qual já não satisfaz, já não representa tudo, já não é tudo! Real é o que surge na telinha, ao simples toque dos meus dedos e dos milhões de dedos espalhados, conectados pelo/no mundo. Há uma espécie de recusa implícita de aceitar a singeleza do meu ser “privado”. Isso é pouco, muito pouco mesmo. Não, de uma vez por todas, eu não me reconheço no anonimato, na privacidade que é só minha. Eu sou eu quando me lanço na aldeia global, para que todo mundo me veja reluzir nas vitrines douradas que só a tecnologia pode oferecer.

Não basta a sede, não basta o prazer, não basta a vontade de beber. Tenho de constituí-la como objeto publicitário. Preciso criar a mediação, a barreira, o intervalo entre o copo e a boca. Vejam, pergunto a meus seguidores inexistentes, “não é sensacional?”. Eis uma cerveja, a da foto, que nunca poderá ser tomada. A foto do celular imortaliza o banal, morrerá ela mesma em algum arquivo que apagarei logo depois.

Não importa; fiz meu anúncio ao mundo. Beber a cerveja continua sendo bom. Mas talvez nem seja tão bom assim, porque de alguma forma a realidade não me contenta.

#### 4. A mania do “Selfies” na Vida Religiosa

Não me entendam mal, por favor! Aqui não estou criticando e muito menos condenando os jovens que entram agora na VRC e usam os celulares smartphones para divulgar o Evangelho de Jesus e o entusiasmo da sua adesão. Não há nada de mais em postar fotos mostrando a alegria de ser um(a) Consagrado(a). É como se diz por aí, “o que é bonito é para se mostrar”, não é mesmo? Isso pode inclusive atrair

outros jovens para o mesmo caminho. Um rosto saudável, que transmite paz, alegria, gosto em viver, é um bom atrativo. A pastoral vocacional, se souber usar de forma discernida e inteligente esses recursos, tem muito a ganhar. Porém, como dizia minha avó, “devagar com o andor, que o santo é de barro!” e “nem tudo o que reluz é ouro”. O grande perigo dessa mania de exposição, de superexposição, aliás, chama-se vaidade. A vontade de aparecer, de se mostrar ao mundo nem sempre é motivada pelo que realmente nos interessa, enquanto homens e mulheres de Vida Consagrada. Dá até medo pensar que muita gente na Vida Religiosa esteja praticando o “Selfies” por outros motivos, coisas, digamos, não muito religiosas ou pouco conforme com o que sustenta e dá sentido à nossa vocação na Igreja e no mundo.

Como já explicamos, não existe nada de errado em tirar fotos e publicá-las nas redes sociais. Isso não deve abalar ou desvirtuar a nossa opção enquanto Consagradas e Consagrados. A questão não é essa! As complicações surgem quando entramos de cabeça nesta loucura de querer aparecer a qualquer custo. Exemplos não faltam de irmãos e irmãs que de uma hora para outra viraram “artistas”, mesmo sem talento ou com muito pouco. Parece mesmo que o que importa é ficar famoso(a). A fama, o sucesso tornaram-se objeto de desejo de muitas pessoas na VRC, ainda que sob o singelo disfarce de “evangelização”. Tem gente que trocou a pastoral nas ruas e vielas esburacadas da periferia pelo conforto dos camarins “vips” e o estrelato dos palcos onde os aplausos ressoam. Sem discernimento ou com pouco discernimento, levados muitas vezes apenas pelo simples modismo, entramos também na onda ou no mínimo somos cúmplices dos irmãos e irmãs que nela surfam.

#### 5. Mas onde está o problema?

O problema está em obedecer, ainda que inconscientemente, aos ditames da lógica que domina o nosso tempo. E por que não devemos obedecer a esta lógica se, afinal de contas, todo mundo está obedecendo? À primeira vista pelo

menos não existe nada contra. Parece tudo tão bom! Depois, eu não tenho como de repente mudar a lógica atual, então o jeito é aceitar e conviver o mais pacificamente possível com ela. Brigar com a realidade sempre foi um péssimo negócio.

O raciocínio parece correto, e os argumentos idem, não é mesmo? Entretanto, existe na Vida Religiosa, ou pelo menos se espera que exista ainda, uma boa dose de rebeldia. Sim, uma rebeldia com relação a tudo aquilo que escraviza os filhos e as filhas de Deus neste mundo. Nadar contra a correnteza sempre foi algo muito presente na vida dos cristãos e especialmente entre nós Religiosos(as). Se um belo dia eu resolvi optar pela VRC não foi para “me mostrar” ao mundo, ou pelo menos não no sentido que tratamos aqui neste artigo. Eu não preciso absolutamente “publicizar” o que faço diariamente para que a minha consagração seja considerada verdadeira. Ser Religioso(a) é estar no mundo, e não necessariamente nas telas do mundo. Não são essas máquinas, afinal, que determinam a nossa vocação e a tornam melhor e mais coerente. O nosso REAL nem sempre é colorido. Muitas vezes, ou na maioria das vezes, é a realidade dura e cruel de um mundo sempre carente de amor, aquele amor que transforma, que liberta, o Amor chamado Jesus Cristo. A este mundo somos enviados em missão todos os dias.

Respeito quem usa os palcos para anunciar o Evangelho, mas prefiro crer muito mais naquele anúncio feito com as atitudes, com o testemunho vivo (REAL) de quem entrega sua vida diariamente, sofredamente até, para que todos tenham vida e vida em abundância. Usemos as tecnologias, sim, mas não sem antes refletir e discernir bem. Há que se ter cuidado, extremo cuidado com este desejo de aparecer. A vaidade, hoje como sempre, ronda as nossas cabeças como o leão a sua presa. Com a melhor das boas intenções, sem dúvida, muitas vezes “nos promovemos” ao invés de promovermos a nossa vocação, o nosso ideal religioso. Neste sentido, infelizmente, coisas horríveis acontecem, como, por exemplo, Religiosos e Religiosas que usam as estruturas

da Congregação ou do Instituto para se autopromoverem. O discurso é bonito, mas dá para notar nas entrelinhas, quando não nas próprias linhas mesmo, a vaidade pessoal gritando pelas redes sociais. E aqui não há diferença mais entre os que pertencem à VR e os que não pertencem. Parece que a vaidade iguala todo mundo nesta hora. Assim, quando a vaidade entra em cena, o sentido último da nossa consagração sai cabisbaixo pelos fundos do palco, às vezes para nunca mais voltar.

Minha gente, quem deve aparecer não somos nós, mas a Pessoa de Jesus Cristo e seu projeto de vida, projeto este que é sempre libertador. No momento em que deixamos a família e entregamos radicalmente a nossa vida à causa do Reino, deixamos também para trás nossos projetos pessoais e a vaidade que os acompanha certamente. Reafirmo a minha crença: vamos anunciar Jesus Cristo através das novas tecnologias, mas, antes de mais nada e acima de tudo, vamos anunciá-lo com a nossa vida, aquela vida talvez sofrida, porém verdadeira, sem modismos facilitadores da vaidade, a vida REAL. Jesus preferiu viver esta vida REAL e nos convida a assumi-la e a transformá-la. Fora disso, me parece, o Cristianismo perde totalmente o seu sentido e a Vida Religiosa não passa de um engodo.

PLUTARCO ALMEIDA, SJ  
plutarcosj@gmail.com

## “A Deus o que é de Deus”

JOHAN KONINGS, SJ\*

<sup>13</sup>Então mandaram alguns fariseus e alguns partidários de Herodes, para apanharem Jesus em alguma palavra. <sup>14</sup>Quando chegaram, disseram a Jesus: “Mestre, sabemos que és verdadeiro, porque não dás preferência a ninguém. Com efeito, não levas em conta as aparências e ensinas de verdade o caminho de Deus. Dize-nos: É lícito ou não pagar o imposto a César? Devemos pagar ou não?”. <sup>15</sup>Jesus percebeu a hipocrisia deles e respondeu: “Por que me colocais à prova? Trazei-me uma moeda para eu ver”. <sup>16</sup>Eles levaram-lhe a moeda, e Jesus perguntou: “De quem é esta figura e a inscrição?”. Eles responderam: “De César”. <sup>17</sup>Então Jesus disse: “Retribuí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mc 12,13-17a).

### Conflito de interpretações

“Dai a César o que é de César”: é isso que as pessoas geralmente guardam da discussão sobre o imposto de César em Mc 12,13-17 (cf. Mt 22,15-22 e Lc 20,20-26). Mas veremos que esse resíduo não representa bem o que Jesus quis dizer.

As interpretações são muitas. A burguesia liberal vê aqui um fundamento para a separação de Igreja e Estado, um pretexto para dizer que a pregação do Evangelho nada tem a ver com a política e, sobretudo, a economia (“política é política, Deus à parte”).

Mais ou menos na mesma linha dicotômica situa-se a atitude prática daqueles – mesmo católicos apostólicos romanos – que vivem sua vida sem pensar em Deus, mas, no domingo, arrumam um tempinho para ir à missa e “dar a Deus o que é de Deus”. Ou dos religiosos que se livram

\* Johan Konings, nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É doutor em Teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica da Lovaina. Atualmente é professor de Exegese Bíblica na Faje, em Belo Horizonte. Dedicar-se principalmente aos seguintes assuntos: Bíblia – Antigo e Novo Testamento (tradução), Evangelhos (especialmente o de João) e hermenêutica bíblica.

de manhã cedo de suas “obrigações religiosas” (breviário e missa) e passam o resto do dia servindo a César.

Já Alonso Schökel, na Bíblia do Peregrino, sugere uma interpretação bem mais profunda e radical. Como a moeda representava a submissão econômica ao Império e trazia a efigie do César e a inscrição “Divi Augusti filius”, atribuindo-lhe a divindade, Jesus teria mandado “devolver” (pois esta é tradução certa) a César a moeda e o que ela representa, sugerindo uma ruptura com o sistema econômico-político vigente.

É possível outra interpretação: Jesus quer mostrar *ad hominem* que os seus compatriotas, tanto os fariseus como os herodianos, lidam, sem escrúpulos, com o dinheiro romano, duplamente “mamona da iniquidade” (cf. Mt 6,24; Lc 16,9-13). Portanto, assumam as consequências.

É possível, também, que Jesus relativize a importância da pergunta, admitindo a submissão forçosa às exigências do Império, mas com séria reserva. Conforme Mt 17,24-27 (texto redacional de Mateus, provavelmente inspirado pela perícopes de Mc 12,13-17), Jesus adota atitude semelhante em relação à taxa do Templo. Além de relativizar a pergunta, em ambos os casos, Jesus dá a entender que existe coisa mais importante do que a questão levantada pelos interlocutores (mais ou menos como sua resposta na briga da herança – Lc 12,13). Trata-se de ser consciente da liberdade dos filhos de Deus (Mt 17,26) e de tratar Deus como o verdadeiro Senhor, pagando-lhe o tributo que lhe cabe como Senhor do Universo e da Vida (Mc 12,17 par.).

### Um texto de alguns decênios depois da morte de Jesus

Todo trabalho de interpretação deve começar com uma leitura atenta do texto. Escolhemos entre os três Evangelhos sinópticos o texto de Marcos, geralmente reconhecido como o mais antigo, retomado por Mateus e Lucas num contexto semelhante e sem modificações importantes. Suspeita-se que Marcos, a partir da tradição sobre Jesus, redigiu

o texto pouco antes ou depois do fatídico ano 70 d.C., ano da destruição do Templo pelos romanos, em consequência do levante judaico do ano 66.

O contexto amplo dentro do Evangelho de Marcos é a atividade de Jesus em Jerusalém, Mc 11,1-13,36. Esta secção começa com a chegada de Jesus em Jerusalém como messias humilde (Mc 11,1-10, cf. Zc 9,9). Vendo a comercialização do culto, reage violentamente: a purificação do Templo, acompanhada da altamente simbólica condenação da figueira estéril (Mc 11,15-27).

Depois deste começo ameaçador, Marcos cria, ao modelo do “dia de Cafarnaum” (Mc 1,21-34), um “dia de ensino de Jesus no Templo”. Ao entrar no Templo, Jesus se defronta com a provocação dos sumos sacerdotes, escribas e anciãos a respeito de sua autoridade (11,27-33). A isso corresponde, no cap. 13, a saída de Jesus do Templo e o discurso apocalíptico anunciando o fim do Templo, a crise escatológica e a autoridade do Filho do Homem, que é o próprio Jesus (Mc 13,1-36). No meio desse dia encontra-se o ensino de Jesus no Templo de Jerusalém (Mc 12,1-44). Depois da denúncia da perfídia dos interlocutores, na parábola inicial (os vinhateiros homicidas, Mc 12,1-12), Marcos apresenta uma série de discussões. Na primeira (Mc 12,13-17), Jesus dirige a atenção dos fariseus para o lugar supremo que Deus deve ocupar em nossos interesses. Na segunda (Mc 12,18-27), o assunto é a ressurreição, objeto de zombaria por parte dos saduceus, mas Jesus aponta para o Deus dos vivos, não dos mortos (Mc 12,27). Na terceira discussão (Mc 12,28-34), Jesus, conversando com um escriba, coloca no centro o duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo. E encerra as discussões sugerindo misteriosamente que não se deve conceber o Messias como filho de Davi, mas como “senhor” exaltado por Deus (12,35-37). A dupla censura dos escribas e o exemplo da generosidade da viúva pobre (12,38-44), formando inclusão com a censura contra os líderes judaicos em 11,27-33, encerram as discussões.

Considerando este quadro, temos a impressão de que a ponta da palavra de Jesus não consiste em dar uma resposta

à pergunta insidiosa sobre o imposto (que de toda maneira é viciado pela injustiça dominante na sociedade), mas, antes, em orientar a atenção para Deus, que não foi mencionado pelos interlocutores. Também hoje, ao citarem a frase de Jesus, as pessoas geralmente citam apenas a primeira metade da frase, “Dai a César o que é de César”. Assim fazendo, colocam-se exatamente na posição daqueles que quiseram provocar Jesus. Esquecem o que é de Deus.

Vejam a perícopes em si. Em primeiro lugar, os figurantes. Jesus é interpelado por um grupo de composição estranha: os fariseus e os herodianos (cf. Mc 12,13//Mt 22,15-16; Lc 20,19-20 fala dos escribas e sumos sacerdotes). Os fariseus deviam estar interessados nas coisas de Deus e de seu povo, mas não tinham medo de se aliar aos romanos. Os herodianos estavam ligados à dinastia local, a “casa de Herodes”, instalada no poder pelos romanos; eram “clientes” do César, “pelegos” do Império. A cena dá a entender que os fariseus discutiam com os herodianos sobre o imposto imperial ou, antes, que os fariseus – querendo apanhar Jesus em suas palavras (12,13) – desejavam a presença dos herodianos, para que denunciassem Jesus caso falasse algo contra o Império.

Os interlocutores perguntam, insidiosamente, se “é permitido” (Mc 12,14 par.: *éxestín*) “dar o imposto/tributo” (*dónai kênson*) a César. Devem ser os fariseus que perguntam isso, pois para os herodianos, intermediários do Império, a resposta era evidente: não só era lícito pagar o tributo; era lei. Já os fariseus querem levar Jesus a fazer um pronunciamento que o oponha ao povo de Israel e à lei de Deus (se ele aprova o pagamento do imposto a César, pois o israelita só deveria dar tributo ao Senhor Deus); ou que o coloque em conflito com o poder romano, se responder que não devem pagar o imposto.

Jesus pede, então, que lhe mostrem a moeda do imposto. Esta traz a efigie e inscrição do César, inscrição blasfema, pois dizia “César divino”. Mas Jesus não se impressiona com isso. Dando a entender que a moeda vem de César – negócio dele –, Jesus responde com o imperativo *apódote*, que pode ser traduzido como “pagai” ou como “retribuí/devolvi”

(Mc 12,17 par.). O termo *apódote* parece corresponder ao “dar o imposto/tributo” (*dóunai kênson*) a César mencionado no v. 14. Mas que significa isso em relação a Deus?

Na Septuaginta, o grego *apodídonai/apodóunai* corresponde a Deus diversos termos da Bíblia hebraica, principalmente *shub* “devolver” (em relação a diversos tipos de objetos), *nuph* “oferecer” (sacrifícios ou vítimas), *shalém* “restituir” (um dano etc.) ou “pagar/cumprir” (um voto) etc. Nos Salmos, *apodídonai* serve para falar de cumprir/pagar votos a Deus (Sl 21,26 LXX etc.). O Sl 115 LXX, muito popular e fazendo parte do Hallel, usa o termo (*ant*)*apodídonai* diversas vezes neste sentido cultural:

3. Que retribuirei (*antapodôsō*) ao Senhor por tudo aquilo que ele me contribuiu (*antapédōken*). 4. Tomarei a taça da salvação e invocarei o nome do Senhor. [...]. 9. Pagarei (*apodôsō*) meus votos ao Senhor diante de todo o seu povo.

No contexto de Mc 12,13-17, *apodídonai* (v. 17) corresponde ao *dóunai kênson* “pagar tributo” do v. 14, sem ser estritamente sinônimo. Pode ser que Jesus, em sua resposta no v. 17, inflecte o sentido do verbo para conectá-lo ao novo destinatário, Deus, em vez ou por cima de César. Jesus parece inflectir a pergunta dos fariseus e dos herodianos para o campo semântico das coisas de Deus. A César pode-se devolver o que vem dele, a lama da terra, mas a Deus se deve retribuir o que vem de Deus: os dons da graça, da bondade, da justiça e da própria vida.

Jesus não veio, propriamente, para resolver de imediato os problemas da taxa do Templo ou do imposto de César. Sua missão (ou projeto) era colocar Deus no centro: o Reino de Deus, não o do César. Reino, não no sentido do messianismo judaico, especialmente o davídico, que logo adiante ele vai apontar como irrelevante (Mc 12,35-37), mas no sentido dos plenos poderes (*exousía*) que ele põe em exercício para “fazer tudo bem” (Mt 7,37), na linha das visões escatológicas dos profetas (Is 35,5 etc.). O texto que temos sob os olhos precede o anúncio do fim das grandezas reinantes, o

Templo e o Império (Mc 13), e está sob o signo da iminente paixão de Jesus e sua entrega à vontade do Pai: “não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). Isso nos faz perceber mais ainda a futilidade da questão que os fariseus e herodianos, em sua pretensa esperteza, colocaram.

O que importa é retribuir a Deus o que dele recebemos. A sensibilidade bíblica tem profundo reconhecimento pela obra de Deus na criação e na salvação. Os Salmos são a expressão constante desses sentimentos. Os Evangelhos veem no anúncio do Reino de Deus, por Jesus, não apenas a instauração de uma “nova ordem”, mas também a plena realização do plano inicial de Deus. Por isso, Jesus recusa a prática do repúdio da mulher (Mc 10,6: “Desde o início da criação...”). Viver é receber de Deus o dom da vida e restituí-lo pela piedade e pela justiça, não porque Deus espera algum pagamento, mas porque a vida não pode estar melhor do que na mão de Deus, amparada no seu plano que vem do início.

A César pode-se pagar tributo, *dóunai kênson*, com uma moeda que exhibe sua vaidade blasfema, tão fútil como os reinos que, segundo as palavras de Jesus logo a seguir, no capítulo 13, estão destinados a caducar. Jesus, portanto, não está propondo uma departamentalização, como entendem os promotores da política econômica liberal, que querem dar uma parte a César, o Estado, e outra parte a Deus, ou seja, à Igreja. Jesus subordena tudo o que é humano a Deus e seu Reino. É interessante lembrar aqui a interpretação lucana das tentações de Jesus: em Lc 4,6, o diabo se declara dono dos reinos do mundo por concessão divina, alusão blasfema à teofania de YHWH segundo Ex 19,5c. E a resposta de Jesus é que só ao Senhor Deus se pode adorar (Lc 4,7). Não é improvável que, em nosso texto, as palavras de Jesus sobre Deus e César apontem para um sentido análogo. O Senhor do poder é Deus, só. É o que diz também, com outros termos, o Jesus joanino a Pilatos (Jo 19,11). Nada de departamentalizar. “Procurai primeiro o Reino de Deus” (Mt 6,33//Lc 12,31).



Jesus faz perceber – senão aos ouvintes lá no Templo, então, através de Marcos, a todos nós – que Deus é quem tem a última palavra. O “a Deus o que é de Deus” encerra solenemente a discussão, lembrando Aquele que pelos interlocutores nem sequer foi mencionado. Os fariseus, acompanhados pelos herodianos, perguntaram se “é lícito”, (segundo a Torá) pagar o imposto. No fundo, só falaram no dinheiro. E Jesus pede que lhe mostrem o dinheiro, para mostrar que é mera coisa de César. De Deus, não falaram.

Em suma, para Jesus, pagar ou não imposto ao imperador não é a questão central. O decisivo é retribuir a Deus aquilo que lhe cabe, não só louvor e glória, mas a própria vida, que é o grande dom que dele recebemos. Sermos de Deus, não de César.

O texto não sugere, diretamente, uma revolução política contra César. O sentido óbvio dos termos não vai nessa direção. Parece antes que Jesus responde *ad hominem* aos que o querem enredar numa intriga que parece religiosa, mas em que, de fato, Deus é o grande esquecido.

### *O Jesus por trás do texto*

Albert Schweitzer, na sua epocal *História da Busca do Jesus Histórico*, conclui que nas “vidas de Jesus” se aprende mais sobre quem as escreveram do que sobre o Jesus histórico. E os teólogos do querigma, sobretudo Rudolf Bultmann, pensam que o Novo Testamento nos transmite em primeiro lugar o Cristo da fé. Porém, para se dizer seguidor de Jesus de Nazaré, não basta essa leitura querigmática. Onde tem fumaça deve ter fogo. Se o querigma é a fumaça, o fogo é o Jesus histórico, para o qual convergem os diversos escritos e as tradições que reconhecemos por trás dos escritos. Jesus deu sua vida por uma causa. Se seguimos Jesus, seguimos sua causa. Isso exige um olhar que penetre até além do Jesus do querigma e do Jesus da narrativa!

Devemos imaginar, por trás da letra de Marcos, aquele judeu e galileu que é Jesus de Nazaré. A tradição anotada por Marcos não permite imaginar um Jesus conformado

com o Judaísmo dominante de Jerusalém, isso é o mínimo que podemos dizer. Mais difícil é imaginar o que ele pensava a respeito do Império Romano. Afinal, os judeus tiveram experiências contraditórias dos impérios. Os impérios não foram de todo ruins para os judeus, mas tanto os bons como os ruins passaram. Fala-se numa “*pax persa*” nos anos 400 a.C. No século III a.C., os judeus tiveram uma “*pax egiptia*” sob o reinado dos ptolomeus, e quando, no século I a.C., a dinastia judaica dos hasmoneus (descendentes dos Macabeus) entrou em decadência, as autoridades religiosas se voltaram confiantemente para os romanos, que resolveram o caso, nomeando o idumeu Antípater, de quem surgiu a dinastia de Herodes. Em vez de atribuir a Jesus sentimentos judeo-nacionalistas contra os romanos, deve-se pensar, antes, que ele enxergava, com agudeza mais que profética, a incompatibilidade do regime reinante – um conluio de judeus e romanos – com o reinado escatológico de Deus que ele veio proclamar. Sobre esse pano de fundo histórico entendemos melhor a tradição que Marcos anotou. Os interlocutores postos em cena por Marcos, os fariseus e os herodianos, representam bastante bem esse conluio do povo da Aliança com os impérios do mundo. Por isso, recebem de Jesus a censura: “Vocês me querem pegar com a questão de César, mas vocês se esquecem da retribuição a Deus, ensino genuíno de nossa tradição da Aliança!”.

É com esse Jesus por trás do texto que devemos entrar em diálogo – por meio do texto, acesso próximo e registrado que temos até ele – para sermos seus interlocutores hoje e apreendermos o sentido de sua mensagem e práxis hoje.

### *Meditando*

Mc 12,13-17 enseja uma reflexão sobre nosso momento presente, em que Deus é o grande esquecido, apesar da proliferação de movimentos aparentemente religiosos. O esquecimento de Deus em meio “à religiosidade” não é uma coisa tão nova assim, pois também antigamente a maneira como se apelava a Deus nem sempre correspondia ao Deus



que se deu a conhecer por meio dos profetas e de Jesus de Nazaré. Como antigamente, vivemos um tempo de desconhecimento do Deus Pai de Jesus Cristo. No tempo de Jesus, para alguns a referência última eram as tradições dos homens, apresentadas como se fossem lei de Deus (cf. Mc 7,9); para outros, eram os interesses do poder (cf. Mc 10,42). Jesus, impelido pelo Espírito e radicalizando a sabedoria que lhe vem tanto da “instrução” (*tora*) quanto da contemplação da vida, nos leva a dirigir nosso olhar para o que é realmente a vontade de Deus, seu Pai (cf. o momento dramático do Getsêmani, Mc 14,36), relativizando tudo o mais.

Qual é o peso das coisas do mundo diante do horizonte último, que chamamos de Deus e que nós, seguidores de Jesus, vislumbramos na palavra e práxis de Jesus?

A questão que os fariseus e os herodianos apresentam é respondida por Jesus com o desvelamento do sistema socioeconômico, que é representado pela moeda. Esta moeda representa uma ambição de divindade: “*Divi Augusti filius*”. Dá a entender que por trás da moeda e das leis relacionadas a ela – o imposto imperial – está uma “instância última”. Pois bem, a segunda parte da resposta de Jesus nega que essa instância seja a última. Coloca acima do sistema socioeconômico e político do Império outra última instância, o Deus que Jesus Cristo percebe e adora como Pai. E o fato de ele concluir sua frase remetendo a Deus significa que Deus é a verdadeira última instância, destronando a pretensão absoluta da anterior. A estrutura socioeconômica e política é provisória, precária, submissa ao que Marcos descreve no capítulo seguinte: “Céu e terra passarão, mas minhas palavras não passarão” (Mc 13,31). E essa estrutura está submissa também ao último ensinamento de Jesus no Templo: o mandamento do amor a Deus e ao próximo (Mc 12,28-34). Há até certa semelhança na “didática” de Jesus quanto ao imposto e quanto ao primeiro mandamento. Jesus dá por concedido o ponto de partida, tanto o pagamento do imposto quanto – com muito mais razão – o culto ao Deus Único. Mas acrescenta logo uma segunda sentença, que condiciona à primeira. Respeitar as exigências imperiais é

condicionado pelo respeito último (e primeiro) à exigência de Deus, e o culto ao Deus único exige a observância do amor ao próximo. A primeira coisa não vale sem a segunda.

Hoje vivemos num complicado sistema socioeconômico, político e cultural, que se impõe com muita força. Mas ele não é absoluto. Podemos aguentá-lo até certo ponto, mas, quando ele toma rumos opostos ao que Deus mostra através de Jesus, devemos escolher por Deus contra o sistema sofrível. Também no tempo em que Marcos escreveu seu Evangelho isso era realidade. Cristãos que até estavam dispostos a pagar o imposto a César acabavam pagando com sua vida a adesão ao Deus e Pai de Jesus Cristo, assumindo com radicalidade o ensinamento de Jesus sobre o perder e ganhar a vida (cf. Mc 8,34-38).

Em situações menos radicais, “retribuir a Deus o que é de Deus” será a profunda gratidão pela vida e por tudo aquilo que de Deus recebemos, cumprindo seu duplo mandamento principal, o amor a Deus e ao próximo (aquele que está ao nosso lado sem que o tenhamos escolhido!). Mas não devemos estranhar se algum dia surgir uma situação mais radical.

Ora, se devemos “retribuir” a Deus, será que podemos falar de gratuidade (graça) de sua parte? Aqui, a “mediação religiosa” – os gestos, ritos e poesias de sempre – nos ensina. O voto é um gesto simbólico, que representa a vida. Os antigos tinham consciência de que as ofertas e votos religiosos representavam a vida que significavam; a modernidade técnico-científica, essa capacidade de percepção e expressão simbólica. Ainda bem que temos a Sagrada Escritura para nos ensinar a cultivar sempre de novo essa dimensão tão rica e a não nos deixar engolir por um materialismo achatado. O Salmo 116 (115 LXX) nos ensina a “retribuir” a Deus o que é dele, restabelecendo assim a comunhão com ele, que é nossa verdadeira vida. E onde há comunhão, não existe alienação, pois tudo é de quem dá e de quem recebe ao mesmo tempo. A retribuição é embutida na gratidão.

Prolongando nossa meditação nesta linha, percebemos a “relativa autonomia das realidades terrestres” ressaltada no

Concílio Vaticano II, especialmente na *Gaudium et spes* (nn. 36-37). As realidades de nosso mundo, tanto as "leis da natureza" como as leis socioeconômicas e políticas, têm suas coerências internas necessárias, que a nossa fé não pode negar. Mas dispomos também de liberdade, não só em relação às leis socioeconômicas e políticas, nas quais podemos intervir, mas ainda em relação ao domínio físico, mediante a utilização adequada da instrumentalidade (cf. *Lumen Gentium* 36b, e.o.). É nesse âmbito de nossa liberdade que vale a lei última: retribuir a Deus o que é de Deus, do modo como ele nos ensina em Jesus: amando a Deus e ao próximo (aquele último que se torna primeiro).

### Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como você interpreta "A Deus o que é de Deus?"
2. O que podemos considerar que pertence a Deus?
3. Qual é o peso das coisas do mundo diante do horizonte último que chamamos de Deus e que nós, seguidores de Jesus, vislumbramos na palavra e práxis de Jesus?

## Ecoespiritualidade: um caminho de integração

HELENA T. RECH, STS\*

### Introdução

A Ecoespiritualidade é um caminho de integração que nos leva a uma consciência Ecológica. Consciência esta que não é apenas saber intelectual, mas saber e sabor do coração. Sabedoria que nasce de dentro. Conscientizar-se de que somos *parte* do planeta, do universo, uns dos outros e que com todos os seres vivos formamos a grande *Comunidade de Vida*. A consciência Ecológica nascida da Espiritualidade é início de uma jornada muito longa. Assim como a árvore gigante nasce de uma semente minúscula, a experiência seminal da contemplação na natureza, gradativamente, nos torna seres ecológicos. A linha divisória entre meu mundo interior e o mundo exterior começa a diminuir à medida que nos aprofundamos na Ecoespiritualidade, através do caminho da contemplação, reconhecendo-nos, enquanto seres viventes, *húmus*, parte do todo. Em outras palavras, a dualidade "contemplador e contemplado" desaparece na unidade de um fluxo integrador da consciência de "ser parte". O tema da Ecologia e da Ecoespiritualidade já são conhecidos e há muitos estudos bem elaborados. Não pretendo trazer novidades, mas compartilhar com simplicidade o que tenho refletido e trabalhado na área da Espiritualidade.

### 1. No princípio tudo era bom e belo

A narrativa da criação, no livro do Gênesis, descreve que, à medida que criava, Deus concluía que "tudo era bom" (Gn 1,10.12.18.21.25). O texto descreve a beleza do ato criador.

\* **Ir. Helena Teresinha Rech**, Religiosa da Congregação das Servas da SSma. Trindade, foi em dois períodos conselheira-geral e em mais dois coordenadora-geral, e durante dez anos formadora; é teóloga, com doutorado em Espiritualidade. Dedicou-se há mais de trinta anos a assessorar retiros, cursos, capítulos de Congregações, formação continuada e outros; autora de livros, vários artigos e CDs de relaxamento; membro do Conselho Editorial da CRB Nacional. Atualmente mora num Eremitério.  
**E-mail:** helenarech@ig.com.br.

Sabemos hoje que se trata de um lindo hino de louvor à grandeza de Deus. Um Deus criador que sai do seu silêncio e se derrama, dá tudo de si, de sua beleza e bondade como presente. Vários salmos cantam o significado da bondade de Deus, que começou na criação e se prolonga ao longo da história. Por exemplo, o Salmo 136/135 canta esta maravilhosa beleza e bondade: “Fez o céu com sabedoria, porque eterno é seu amor!”.

Estamos “no princípio” onde tudo é bom e belo, ou “no fim”, com nostalgia de tudo o que era bom e belo? Talvez numa “crise” onde precisamos recriar o belo, o amor, a ética, as novas relações de pertença, a capacidade de encantar-se, de contemplar, de compartilhar, de humanizar-se, de “pertencer” e ser uma “comunidade de vida”.

Alguns sintomas da crise ecológica que afeta todos os seres vivos: poluição do ar, poluição da água e todos os efeitos dos agrotóxicos; poluição dos mares, envenenamento da água e os problemas dos diversos lixos; envenenamento da terra, a “revolução verde” e seus impasses: plantas transgênicas, destruição das florestas e desertificação. E o que dizer da degradação da vida humana? Seria o ser humano responsável pelas catástrofes? O Cristianismo ou as religiões?

O debate não pode ser só político, nem só tecnológico ou científico. Deve ser também religioso, cristão, da Vida Religiosa Consagrada e das Espiritualidades que dão sentido à existência e às coisas. Precisamos compreender e ressignificar o “criado”, a natureza, o universo e como comportar-nos e comprometer-nos com a VIDA em toda sua diversidade.

A Ecoespiritualidade exige um compromisso ético, profético, social, político, nascido não somente da indignação, mas de uma profunda experiência do Deus da Vida, com tudo o que “vive e respira”<sup>1</sup> sobre a face da terra.

## 2. Ecoespiritualidade

O prefixo “Eco” (grego: *oikos*), significa casa, o lugar onde se vive. Ecologia é a ciência das inter-relações da casa.

1. Salmo 150,5b.

A Espiritualidade é dom do Espírito. Ele cava em nosso interior a sede de Deus, suscita desejos profundos de vida plena para todos, provoca-nos a viver com ética e sensibilidade, mergulha-nos na fonte do amor Trinitário, torna-nos seres ecológicos.

VIDA e a MÃE TERRA. É um modo de viver de forma integrada e harmoniosa com a totalidade das relações da casa, através do cuidado e do respeito com toda a “Comunidade de Vida”,<sup>4</sup> reconhecendo nossa fonte originária de onde tudo provém, Deus Trindade, da qual buscamos aprender a vivência das relações.

A visão holística implica, na perspectiva da Ecoespiritualidade, uma nova sensibilidade e nova compreensão da terra e de tudo o que vive sobre a terra.

O teólogo J. B. Libanio escreve, nesta perspectiva, de cultivarmos uma atitude inclusiva, que contemple o todo e nos convide a um olhar integrador, capaz de ver a beleza de uma estrela e ao mesmo tempo encantar-nos pela beleza de uma noite estrelada:

Substituímos um olhar detalhista, que diseca a realidade, para ver tudo em bela harmonia. Cada ser soa uma nota em imensa sinfonia. Conjugamos dois olhares paradoxais que convergem para uma única compreensão. Contempla-se cada ser na sua indivisível singularidade. Então parece veríamos uma infinidade de pontos díspares. Mas, num segundo momento, unimo-nos com o olhar num maravilhoso desenho em belíssima unidade. Assemelha-se a uma noite estrelada e clara em que contemplamos cada estrela em sua beleza e o céu todo numa fantástica orquestra sideral.<sup>5</sup>

Quando compreendermos que pertencemos à Terra, somos filhos e filhas da Terra e que somos *húmus*, nosso olhar diante da Mãe Terra, diante dos irmãos e irmãs, diante da fome, da exclusão social e econômica, será muito diferente! Compreenderemos que todos temos o mesmo DNA de base, depois cada espécie de ser vivo é constituída do alfabeto próprio de sua espécie. Todos somos húmus, isto é, viemos da Terra e a ela votaremos.

A Terra não está à nossa frente como algo distinto de nós mesmos, ela é em nós. Somos a própria Terra que na sua evolução chegou ao estágio de sentimento, de compreensão, de vontade, de responsabilidade e consciência. Esse

4. Expressão da Carta da Terra.

5. LIBANIO, J. B. *Ecologia, vida ou morte?* São Paulo: Paulus, 2010.

“húmus” foi trabalhado pelo amor Trinitário “fibra por fibra” (Sl 139), com um cuidado especial fez-nos à “sua imagem”, projetando algo de si em nós.

A Trindade deu uma grande bênção ao mundo criado: “cresça e multiplique-se... eu te formei e consagrei... antes do teu nascimento eu já te conhecia”.

O caminho da Ecoespiritualidade leva em conta a *biodiversidade* e busca integrar o ser humano à natureza da qual ele procede e é parte. A vida e a autoconsciência da vida são interligadas.

A Espiritualidade é a tomada de consciência da importância e do significado mais profundo da vida do Planeta, do sentido da Casa Comum. Quero dizer da importância da Ecoespiritualidade para a “VIDA” integral. Sair do “centro”, do antropocentrismo e do antropoexclusivismo para uma consciência de pertença.

Quase tudo no universo se fez sem precisar de nós. Como queremos o senhorio da terra, dizendo-nos “proprietários/os”, “senhoras/es”, destruindo, nos apropriando ou transformando tudo em caos? Somos apenas “húmus” para novas formas de vida. Depende de nós o futuro comum, nosso e de nossa querida Casa Comum: a Terra.

Por sentirmo-nos filhos e filhas da Terra, por sermos a própria Terra pensante e amante, vivemo-la como Mãe. Ela é um princípio generativo. Representa o Feminino que concebe, gesta e dá à luz. Emerge assim o arquétipo da Terra como Grande Mãe, Pacha Mama e Nana. Da mesma forma que tudo gera e entrega à vida, ela também tudo acolhe e tudo recolhe em seu seio. Ao morrer, voltamos à Mãe Terra. Regressamos ao seu útero generoso e fecundo.<sup>6</sup>

### 3. Ecoespiritualidade – uma experiência integradora

Quando despertei para a realidade ecológica, cresceu em mim a compreensão de que a “Ecoespiritualidade” poderia

6. Leonardo Boff. *Ecoespiritualidade: que significa ser e sentir-se Terra?* Ética & Eco espiritualidade. Campinas, SP: Verus, 2003.

ser um caminho de integração humano-ecológica, como também, se as diferentes espiritualidades se unissem, seria a possibilidade de salvar nossa Casa Comum e vivermos irmanados como uma grande comunidade de vida. A partir daí comecei a pensar, refletir e ousar algo novo em minhas assessorias. Sempre havia um toque ecológico, até iniciar os Retiros Ecológicos.

Há cinco anos estou orientando Retiros Ecológicos. O objetivo é oportunizar uma experiência de Deus através da prática da contemplação e da vivência da Ecoespiritualidade. A dinâmica do retiro é em silêncio, em contato profundo com Deus, consigo, com a natureza, e feita de forma contemplativa: contemplar a natureza, a vida pessoal, a missionariedade, as pessoas, com a iluminação da Palavra de Deus. Deixar que tudo passe dos olhos para o coração, do ver para o sentir, do experienciar cada coisa para ser parte, do tocar para o ser tocada/o.

O Retiro Ecológico é um grande convite à contemplação como caminho do coração e da sabedoria que nos leva a admirar, saborear, encantar pelas maravilhas da criação, experienciar-se parte e provar como o Senhor é bom. A contemplação é um caminho que nos abre internamente para o belo, o cuidado, a acolhida, o bem, o diálogo, as relações, o novo olhar, o sentido de pertença, a reverência diante do mistério da vida, da alteridade, do Grande Outro – Deus Trindade. O convite é: *Tira tuas sandálias, pois a terra*

comprometidas com a Comunidade de Vida, pois segundo L. Boff:<sup>7</sup>

A missão do ser humano reside em poder captar os mil ecos que vêm dessa grande Voz que reboia de ponta a ponta do universo e que vibra em cada ser. Cabe-nos unir nossa voz a esse eco universal; somos chamados a ser sinfônicos e a venerar o Maestro dessa imensa orquestra cósmica... Deus, vivificador e atrator de todas as coisas para seu seio paternal e maternal.

#### 4. Ecoespiritualidade – processo de humanização/interiorização

Outra dimensão da Ecoespiritualidade é recolocar-nos em nosso verdadeiro lugar – sermos humanos, humanizar-nos, trazer-nos para nossa *casa* interior, nosso *habitat*.

Parece que a mulher e o homem pós-modernos perderam a direção da própria interioridade, da *casa interior*, da intimidade. Quem sabe perderam “as chaves”, esqueceram o “segredo” ou a “senha” que abre o coração, perderam-se no caminho encantador e sedutor que a pós-modernidade lhes oferece. Muitas pessoas já não sabem responder perguntas existenciais, como “Quem sou eu?”, “O que busco?”, “Para onde vou?”, “O que desejo?”.

Nunca o ser humano esteve tão “conectado” e tão solitário. Muitos não conseguem mais encontrar o eixo gravitacional de sua vida. Outros vivem a “era do vazio” ou a “era do gelo”, da cultura “líquida”, em que relações, valores, amor, ética... se reduzem ao narcisismo, ao consumismo, à superficialidade e descartabilidade. Torna-se difícil ou quase impossível o contato consigo mesmo/a, com o outro/a, com Deus, de forma profunda, simples humanizadora, integradora e espiritual.

Contemplando nossas Instituições Religiosas, como estamos e somos *oikos*, para nós mesmas/os, para a comunidade, para o povo? Ou somos eco da *síndrome da exterioridade*, do

7. L. Boff. *A voz do arco-íris*, São Paulo: Sextante, 2004. p. 133.

vazio, do barulho, da administração eficiente, da “bolsa de valores”?

Quais *virgens prudentes*, trazemos ainda em nós o óleo precioso do silêncio, da convivência, da pertença, da alegria, da oração, do perdão, da compaixão, da solidariedade, da simplicidade e despojamento?

Numa assessoria à VRC, uma provincial se aproximou e me disse: “Temos excelentes profissionais, administradoras, pedagogas, enfermeiras... mas poucas religiosas”. Outra jovem religiosa partilhou: “Não vim para a VR para ser administradora... não encontro mais tempo para rezar, descansar, estar comigo, conviver...”. É verdade, refletimos, rezamos, nos assessoramos e fazemos cursos sobre “leveza”, discutimos sobre Mística, Espiritualidade, Relações, fazemos retiros. Em que isso nos *interioriza e humaniza*? Entrarmos e sairmos com leveza e alegria do nosso coração, da comunidade, da oração, da missão, de nossa “CASA”? Como a Ecoespiritualidade pode ser um caminho de interiorização e humanização?

A Ecoespiritualidade vem recolocar-nos no caminho da *CASA*:

- na intimidade da casa interior;
- no convívio e nas relações humanizantes na casa comunidade;
- no amor à nossa casa País.

E de sentir-nos irmã/irmão na “Grande Comunidade de Vida”; sentir-nos parte de tudo e ser elo ético e capacidade de amar na Casa Comum – o Planeta; mergulhar-nos no aconchego e na intimidade da Trindade, *CASA* de onde viemos e para onde voltaremos. Onde a vida é plenitude, o amor é infinito, a contemplação é eterna, as relações circulares, a alegria contagiante, e a pericorese se faz eternamente.

Viver a Espiritualidade Ecológica é deixar-nos fecundar pela Ruah Divina, entrelaçar no seu amor e a todos irmanar e animar, pois tudo o que *vive e respira* sobre a terra tem um Pai-Mãe comum que a tudo sustenta e dá vida.



## 5. Desafios que se apresentam à Ecoespiritualidade

1. Tirar o ser humano do centro, antropocentrismo e antropoexclusivismo. O humano é elo ético e não centro; é parte e não dono, é ecorrelação e não único.
2. Valorizar o dom da cooperação e não a lei da competição. Cuidar dos mais fracos, integrar o que está desintegrado e o que está perdido.
3. Crescer em generosidade, acolher o diferente, abrir espaços para o novo e para a vivência da mística do cuidado, criar redes de solidariedade, pois a Espiritualidade é o profundo do humano, é elo que une e reúne.
4. Integrar todas as coisas. O ser humano é microcosmo, parte do todo, do macrocosmo.
5. Ressacralizar as “casas”: o Planeta, Gaya, a natureza, a casa, o corpo como morada da Trindade, o coração como morada da alma.
6. Assumir um estilo de vida mais simples e despojado, como a natureza. “A sobriedade corta o mal pela raiz.”<sup>8</sup>

O grito Ecológico e da Ecoespiritualidade é possibilidade de uma nova consciência de pertença ao universo e de que ele faz parte de nós. A consciência de comunhão do ser humano com a totalidade da Criação recoloca-nos diante de um antigo desafio, que Moisés colocava ao povo de Israel: “Vê que hoje te proponho a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Hoje tomo como testemunhas contra vós o céu e a terra: foi a vida e a morte que pus diante de ti, a bênção e a maldição” (Dt 30,15.18). Encontramo-nos hoje diante de duas alternativas: escolher a vida ou o caos.

Contemplando nossa realidade atual perpassa em nosso coração o sentimento de que predomina a escolha do caos. Embora nossa razão não explique assim. Ao sistema vigente não interessa o caos, mas o lucro em curto prazo. É daí que vem o caos. A uma cultura imediatista, não interessa o futuro. O lucro é agora, o caos é futuro. Só uma clara opção de vida e pela vida vencerá o caos. Opção que nos coloca

8. LIBANIO, *Eco-logia, vida ou morte?*, op. cit., p. 67.

num horizonte maior, no horizonte da vida querida por Jesus: “para que todos tenham vida em abundância...”. Este horizonte de esperança nos faz vencer o caos e vislumbrar um futuro novo.

## 6. Um convite final

Como acenei no início deste artigo, não tive nenhuma pretensão de apresentar uma nova tese ou os últimos estudos sobre a Ecoespiritualidade ou a Ecologia, mas compartilhar o que acredito, tenho refletido e realizado.

Estamos, você e eu, diante de uma escolha: a Vida ou o Caos. A vida é um movimento que brota de dentro e Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega, quer dizer o Princípio, o Fim, o Centro de toda a criação. Apostar na Vida é acreditar em Jesus e escolher e cuidar do mundo que um dia se transformará pela força do Espírito. Acordar em nós a consciência para a questão da sustentabilidade e uma nova relação com a natureza. É uma questão vital para a humanidade. É urgente uma nova mentalidade se não quisermos contemplar o “caos” e pagarmos o preço caríssimo de um processo mortal. É possível mudar essa realidade caótica a partir da organização de homens e mulheres na construção de uma sociedade mais justa e sustentável. Sustentabilidade e solidariedade vão além do econômico. É um processo que visa à transformação das relações sociais, culturais, políticas e produtivas, em harmonia com o meio ambiente e com a participação ativa da sociedade. Vai exigir nosso compromisso com a VIDA.

Redescobrir a *mística do cuidado*, cultivar a *Ecoespiritualidade*, recriar *relações*, sentir-se *parte do todo*, ser elo ético e elo de amor que une e reúne a partir de dentro, da experiência profunda da Trindade, da escuta contemplativa e da sensibilidade solidária.

O Planeta nos alerta constantemente com ondas de calor, secas, tempestades e inundações. É necessário que nos eduquemos para captar a mensagem que ele nos transmite e aprender a viver a comunhão com tudo o que nos rodeia.

Todo o Cosmos é como um grande livro que precisa ser lido. Este é meu convite final para você.

Sempre és um com Deus e um com o universo e bem-vindo à CASA. Teu lar é o universo e o meu coração e o teu coração, e o universo é meu Lar. Somos tudo o que é, tudo o que foi e tudo o que será.

### **Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade**

1. Em que a Ecoespiritualidade pode contribuir para uma nova consciência ecológica?
2. Quais os desafios que a Ecoespiritualidade deve enfrentar?
3. O que você entende por mística do cuidado, sustentabilidade e ser parte do todo?
4. Concretamente, na prática do dia a dia, o que você e sua comunidade podem fazer no nível Ecológico e da Ecoespiritualidade?

## Intercongregacionalidade: uma comunidade em missão

IR. ANNETTE HAVENNE\*

### **Introdução**

Eis uma reflexão que foi proposta no Seminário da CRB nacional sobre Intercongregacionalidade.<sup>1</sup>

Dentro do conjunto deste seminário, a reflexão tinha como objetivo focar a questão da comunidade intercongregacional, enquanto outras reflexões percorriam eixos diferentes e complementares, entre eles a missão e a profecia. Mantive a fluidez e a simplicidade de uma intervenção oral, no sentido de um convite a interagir e a continuar a conversa!

Gostaria de começar com uma parábola que vai retomar algo dos eixos anteriores e nos levar ao passo seguinte: contemplar e refletir sobre a experiência de vida em *comunidade intercongregacional*. Na realidade, trata-se de uma história real que para nós vai se transformar numa parábola!

Uns anos atrás vivia numa pequena cidade do interior de Sergipe um viúvo a quem daremos o nome de “Justo”. Maduro, com os filhos já criados e “conformado” com a morte da esposa. Veio a passeio, naquela mesma cidade, uma senhora muito distinta, da mesma faixa etária... Livre, inteligente, com aquele charme da beleza outonal e muitas outras qualidades: gentileza, dons artísticos e culinários, fê profunda, sensibilidade social... enfim, uma pérola! Vamos chamá-la de Tabita! Vocês podem adivinhar o que aconteceu? Sim, Justo se encantou com Tabita! Mas o mais interessante foi o romântico pedido de casamento!

“Tabita – falou Justo – você já está velha e acabada, e eu também! Vamos juntar nossas misérias e nossos achaques

\* **Ir. Annette Havenne**, religiosa da Congregação das Irmãs de Santa Maria. Formação na área de psicologia e teologia. Trabalha na formação inicial e permanente na VRC e formação inicial no seminário diocesano.  
**Endereço:** Rua Joana Maria dos Prazeres, Aracaju, Sergipe. CEP: 49085-350.  
**E-mail:** annetteism@yahoo.com.br.

1. Seminário sobre intercongregacionalidade, Brasília, 1-4 maio 2014.

para morrer juntos?”. Ainda bem que Tabita tinha senso de humor! Ela desatou a rir para disfarçar sua emoção e respondeu: “Não, Justo, não quero me juntar a você para morrer! Aceito sim, e isso é diferente, começar com você uma nova etapa de vida e de amor partilhado, pois quem sabe podemos ainda fazer muita gente feliz em torno de nós?”. E foi de fato o que aconteceu com os dois!

### ***O que esse fato tem a ver com o tema da nossa reflexão?***

Nos dias anteriores falamos de *motivações* para a intercongregacionalidade, de *alianças* entre nós, de comunidade em vista da *missão*! Mais uma vez vale ressaltar que esta opção só tem sentido se for uma escolha de vida, um gesto de esperança e não de desespero, de nostalgia ou de celebração do ocaso da VRC! Portanto, somos convidados/as a nos recolocar diante deste critério fundamental de discernimento: *trata-se de uma opção pragmática e funcional... ou vital e profética?* Ou talvez de algo que começou funcional e que vamos descobrir no decorrer do caminho que contém um apelo profético e vital? Porque desta motivação vai depender o modo de conviver e de investir em relações significativas numa comunidade intercongregacional. Que isso fique como provocação inicial desta nossa reflexão de hoje!

Antes de falar do intercongregacional, sinto a necessidade de retomar o tema “congregação”, em perspectiva histórica e também feminina. A VRC aponta como um dos seus diferenciais uma comunidade de vida... mas nem sempre a vivenciou na forma canônica e institucional que hoje chamamos congregação.

Num estudo muito interessante que ele publicou poucos anos atrás na revista *Testimonio* (revista da VRC no Chile), o Padre Libanio lembrava que as “Congregações” como tais nasceram na *época da modernidade*, como nova resposta a um novo contexto eclesial e social, uma resposta evangélica diante de novas formas de pobreza. Essas jovens comunidades religiosas concretizaram a expansão de uma VRC

apostólica e não mais monástica, principalmente entre as mulheres, de classe popular, de generosas famílias cristãs e com horizonte missionário muito forte! Na mesma época surgem também as congregações de irmãos.

Para muitas dessas mulheres, era a primeira oportunidade, no decorrer da história, de optar pela VRC, antes inacessível por questões de falta de condições econômicas ou de preparo intelectual, ou ainda de autonomia pessoal. Juntas fizeram experiências inéditas naquele tempo onde a mulher só tinha opção, quando tinha, entre muros de clausura ou maridos! Sair de casa, da estrutura patriarcal ou matrimonial, sair da sua terra, estudar, assumir responsabilidades, organizar-se entre si, tomar iniciativas, relacionar-se com o povo foram algumas das novidades ensaiadas.

Tudo isso não constituía a motivação fundante desta vocação, que só tem sentido como opção por uma forma de vida específica, por causa de Jesus e pelos valores do Reino, mas algumas das consequências que foram acontecendo dentro dela. Essas congregações, sem negar algumas sombras institucionais, deram frutos muito bonitos de evangelização, catequese, evolução e transformações sociais. Porém, são essas mesmas congregações que entram em crise quando a modernidade entra em crise... porque todas as instituições que se estruturaram ou reestruturaram na época da modernidade estão questionadas nas suas estruturas e nos seus valores: família, escola, igrejas, conventos!

Ora, quando uma *instituição é forte*, ela tem tendência a ser rígida, a se fechar, a viver em autarquia, na autossuficiência, pensando não precisar de ninguém. Nos momentos de *fragilidade*, é diferente... Ela se abre, é mais flexível, dá mais espaço aos outros e ao sopro do Espírito Santo! Que momentos de fragilidade são estes? Podemos apontar:

- As origens, os primeiros momentos de fundação...
- O momento de iniciar uma nova ação missionária...
- Os momentos de caos da história... da sociedade...

Em tais circunstâncias, as congregações se unem e se entrelaçam, experimentando momentos às vezes

longos de convivência comunitária. Isso seria a pré-história das comunidades intercongregacionais! Os *momentos* intercongregacionais.

***Que outra congregação ajudou a sua no momento de fundação, de chegada num outro continente, de guerra ou perseguição, de crises institucionais?***

Na América Latina, e especialmente no Brasil, o surgimento da *Vida Religiosa inserida*, maciçamente feminina, foi também um momento marcante para a intercongregacionalidade, como já foi lembrado no decorrer destes dias: nas reuniões da CRB, nos cursos de formação inicial ou permanente, nas semanas de missão ou de catequese, nos retiros, nos congressos... Aprendemos a nos apreciar mutuamente, a partilhar profundamente, a buscar acompanhamento espiritual ou a pedir assessoria de outra congregação... a nos sentir em casa na casa das outras congregações... Mas ainda não é a comunidade de vida intercongregacional! São *passos significativos* de aproximação intercongregacional.

Outro elemento histórico importante e que merece ser lembrado aqui é o impacto do *Concílio Vaticano II* sobre a evolução das Congregações. De um lado, o conceito bombástico do “chamado de todas à santidade” da *Lumen Gentium* precipita sacerdotes e religiosos/as numa crise de identidade que o tsunami da pós-modernidade vem em seguida reforçar: *O que então nos identifica?* De outro lado, o documento *Perfectae Caritatis* convoca a VRC a *voltar às fontes*, o que entendemos naquele momento como ir à busca do nosso carisma fundacional! Parecia até ajudar a resolver a crise de identidade!

Será que encontramos o tal do carisma? Ou ainda o confundimos com algo para fazer, uma obra específica, uma espiritualidade para viver, um lema, piedosas tradições e costumes...? Hoje alguns teólogos e teólogas sérios/as questionam se todas as pequenas congregações apostólicas que nasceram a partir do grande coração de um/a fundador/a na

época da modernidade, para responder a uma necessidade específica, a um grito do povo, têm realmente um carisma diferenciado!

Sei que o Espírito Santo é terrivelmente criativo e bem diversificado nas suas empresas, mas acho que até para ele achar 3 mil carismas diferentes para as aproximadamente 3 mil congregações femininas ou masculinas que contamos hoje na Igreja, é realmente desgastante, muito estressante mesmo! Talvez, finalmente, não sejamos tão originais quanto pensamos ou parecemos! Talvez ainda não voltamos à mina, ao lençol freático de onde surgem tantas pequenas fontes! Se a gente cavasse mais, será que não iríamos descobrir não apenas famílias espirituais, mas também *convergências muito profundas* entre nós? Algo que poderíamos chamar *carisma da VRC ativa ou apostólica?*

Sempre achei algo profético no título da nossa revista da VRC aqui no Brasil... Sim, seguramos nossas diferenças, mas pelo menos lemos “Convergências”!

Já faz alguns anos o Padre Iglesia nos advertia: “Não tenhamos a frivolidade de viver os adjetivos como se fossem substantivos”. O que é adjetivo e o que é substantivo na nossa vocação? Se os carismas particulares são nossos adjetivos, qual é o nosso substantivo comum? Qual a substância, o núcleo identitário da VRC? O carisma que nos identifica como VRC?

E para quem tem medo de perder seu carisma congregacional na “promiscuidade” intercongregacional, vale lembrar esta grande realidade psicológica: você precisa conviver com outros para descobrir quem você é na sua originalidade! Como dizem os ingleses que vivem numa ilha e são grandes viajantes: “Quem nunca saiu da Inglaterra não conhece a Inglaterra”. Quem nunca coloca o nariz para fora da sua congregação não conhece sua congregação!

***Comunidade intercongregacional***

Com isso chegamos ao coração da nossa reflexão, a comunidade intercongregacional!

O ícone que tenho diante dos olhos ao entrar nesta par-



*Num terceiro momento das partilhas, já nos últimos dias do retiro, veio a gratidão: eis as pérolas autênticas que eu pude recolher e que desejo partilhar com vocês, mantendo as expressões usadas pelas Irmãs:*

- Renovação vocacional: é como um novo noviciado!
- Amor renovado para com seu carisma, suas irmãs, sua congregação... tensão saudável entre o sentir-se enviada e sentir saudade da comunidade congregacional.
- Nova apreciação da animação, do apoio da CRB.
- Descoberta de novos campos missionários.
- Novo ou renovado ardor para o trabalho, especialmente o trabalho em mutirão.
- Aprendizagem recíproca, troca de competências e experiências.
- Leveza institucional, a missão conjunta força a tirar capas, a se despojar do que não se precisa.
- Gestão compartilhada.
- Experiência dos votos como liberdade interior para melhor amar e se pôr a serviço.
- Volta ao lugar alternativo e profético que jamais deveríamos ter deixado: o chão dos pobres e da exclusão.
- Melhor percepção do essencial da VRC.

Mas nada disso vai acontecer de modo automático, só porque “faço” a experiência, pois a pessoa pode passar intocada, impermeável por essa trilha, apenas registrando fotos e mandando no facebook, sem descer ao *heartbook*, ao “livro do coração”. Pode também ir se deixando engolir pelo ativismo... ou ainda fugir de problemas congregacionais!

Como seria então uma *boa espiritualidade*, e em seguida uma *boa teologia* para sustentar um projeto intercongregacional? Seríamos capazes de começar a elaborar neste seminário um “*kit básico*” que sirva para discernir a oportunidade e o momento de arriscá-la como um passo decisivo para novos modelos de VRC, de preparar pessoas para esta experiência que não se improvisa, de iluminar a vivência da experiência e de pensar também no pós...? Pois o cúmulo

seria institucionalizar o intercongregacional até o ponto de perder flexibilidade e não sermos mais capazes de integrar depois outras modalidades de viver o carisma, uma delas podendo ser a de voltar para a congregação com novos impulsos para ajudar o grupo como um todo a avançar.

Para isso poderíamos lançar mão da teologia dos carismas e do corpo nos textos paulinos, mas também da reflexão ecológica sobre organismos vivos e evolução das espécies, biomas, trocas de energias vitais, santuário ecológico.

Nós tentaremos iniciar esta reflexão com uma leitura orante, comparando a sólida e um tanto rígida comunidade de Jerusalém com o novo dinamismo para a missão que surge na comunidade de Antioquia, que já nasce plural, multicultural e multiétnica.<sup>2</sup> Em Jerusalém, estão nossas raízes, nossas fontes, os lugares santos da paixão, morte e ressurreição de Jesus, a geração fundadora. Mas em Antioquia a dispersão provocou um tipo de convivência diferente, um “*melting-pot*” cultural, que resultou em saídas para a evangelização dos gentios, novos laços com a comunidade-mãe na visita consoladora de Barnabé, novos recursos humanos na pessoa de Saulo-Paulo, novos modos de rezar e discernir, novos envios missionários, novo nome dado a “Os do caminho” que assim firmam sua identidade e se percebem realmente “cristãos”. Gostaria muito de ver sinalizada em Antioquia a presença das mulheres “cristãs”, mas não vamos sonhar antes do tempo, pois, como toda evolução, esta é processual e exige paciência histórica!

Outro questionamento seria a respeito dos nossos *sentimentos e também das atitudes* que vamos tomar diante do inter e quem sabe do transcongregacional. A proposta atrai e mete medo ao mesmo tempo, pois mexe fundo com estruturas institucionais, administrativas, econômicas, mentais e com certeza de poder!

### Conclusão

Com que tipo de “ondas” vamos querer nos conectar? Concluirei com outro fato real que pode ser também

2. Leitura orante “De Jerusalém para Antioquia”: At 11,19-26; At 13,1-3.



parábola para nós. Alguns dias atrás, eu tive oportunidade de fazer uma visita rápida à minha família depois de um encontro que assessoriei na França. Viajando entre a casa da minha irmã e a comunidade das minhas irmãs de congregação, peguei várias vezes carona com meu cunhado ou com meus sobrinhos. No carro eles escutavam uma das rádios regionais... Na realidade são duas: meu cunhado escuta “Rádio nostalgia”, que repassa sucessos dos anos 1980; meus sobrinhos se ligam na “Rádio energia”, que difunde músicas mais descoladas.

***Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade***

1. Entrando no carro, a pergunta era: “Annette, que Rádio você quer ouvir, nostalgia ou energia?”. Trago a pergunta de volta e a faço a vocês: Com que canal você quer se conectar, rádio nostalgia ou rádio energia?
2. Que oração vamos rezar juntos, juntas? Aquela que celebra o ocaso de algo que já foi grandioso ou as primeiras vésperas da festa do amanhã?